

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Quem poupa para o futuro vive mais seguro

O Seguro e a Poupança.



Título: Quem poupa para o futuro vive mais seguro.
O seguro e a poupança
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2026: APS2026

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Pedro Rocha e Mello
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: PAC Gráfica
Tiragem: 1000 exemplares
ISBN: 978-989-54248-8-7
Depósito Legal n.º 570231/26

1.ª edição — outubro 2026

Quem poupa
para o futuro
vive mais seguro.

O Seguro e a Poupança.

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Quem poupa
para o futuro
vive mais seguro.

O Seguro e a Poupança.

Índice

1. A longa história do dinheiro	8
As primeiras moedas	11
As moedas da Grécia Antiga	12
As moedas romanas	14
A quebra da moeda e a inflação	16
As moedas na Idade Média	16
O reanimar do comércio e os primeiros seguros	18
As confrarias	18
A bolsa de mercadores	18
O primeiro tratado sobre seguros	20
Organizações de solidariedade – as Misericórdias	24
Os primórdios do Seguro moderno	24
As primeiras seguradoras portuguesas	25
Os primeiros bancos	26
As primeiras notas – o papel-moeda	28
História do dinheiro português	30
As primeiras moedas portuguesas	30
As primeiras notas portuguesas	35
O dinheiro na Primeira República	37
O euro, moeda única da União Europeia	38
2. O dinheiro e a poupança	42
A esperança de vida e a longevidade	44
O que é a poupança?	50
Poupar para quê? Objetivos de poupança	50
Poupar quando?	52
Poupar na infância – o porquinho-mealheiro	52
HISTÓRIA: <i>Kristin</i> e a inestimável Tia Luísa	57

3. Os seguros e a poupança	64
Que seguros?	66
Os seguros de habitação	66
O seguro automóvel	67
O seguro de acidentes pessoais	68
O seguro de acidentes de trabalho	68
O seguro de saúde	69
Os seguros do ramo vida	70
Produto de proteção	70
Produto de poupança ou investimento	71
Planos de Poupança Reforma	72
HISTÓRIA: Uma boa surpresa	75
 4. A poupança das famílias	 86
O orçamento familiar	88
Como fazer o orçamento familiar	88
Parcelas do orçamento familiar	89
Os rendimentos das famílias	90
A despesa média das famílias portuguesas	93
HISTÓRIA: Planos para férias	95
 5. A poupança pessoal	 106
Planear e gerir as finanças pessoais	107
Dicas para ser bem-sucedido na poupança pessoal	108
HISTÓRIA: Jorge e a festa de anos	111
 6. A poupança nos provérbios portugueses	 120

1

A longa história do dinheiro





Na nossa época tudo tem de ser pago com dinheiro, mas nem sempre foi assim. Há milénios, as compras e vendas faziam-se por troca direta, produtos por produtos. Nesses tempos recuados já havia certamente quem nunca pensasse no dia de amanhã, mas também já haveria quem se esforçasse por produzir mais do que aquilo de que precisava e por poupar o que conseguia obter, para poder usar no futuro. Ou seja, desde os primórdios da vida humana terá havido gente mais gastadora e gente mais poupada.

A partir de certa altura, deixaram de se fazer trocas exclusivamente com os vizinhos, para satisfazer necessidades imediatas, porque apareceram os mercadores. E os mercadores adquiriam produtos para os irem vender onde

fossem desejados. Esses primeiros mercadores depressa perceberam que alguns bens, como as peles, o sal e os cereais, davam garantia de sucesso por serem apreciados em toda a parte, por não se estragarem ainda que fossem transportados para longe e por poderem ser divididos em porções. Peles, sal e cereais tornaram-se aquilo a que se chama *produtos de referência*. E como na Antiguidade também se apreciavam raridades inúteis, conchas e búzios de formatos singulares ganharam uma aura que os tornou símbolos de poder, riqueza e magia, e passaram a ser usados como um primeiro tipo de moeda.

Mais tarde, não se sabe quando, começaram a ser usados metais como moeda de troca. Há provas de que na Mesopotâmia e no Antigo Egito se utilizavam pedaços de ferro, bronze e cobre, de formas variadas, para fazer pagamentos.

AS PRIMEIRAS MOEDAS

Tanto quanto se sabe, as moedas foram concebidas e produzidas pela primeira vez no século VII a.C. pelos Lídios, povo da Ásia Menor que vivia numa região que hoje faz parte da Turquia.

Os Lídios, que possuíam minas de ouro e de prata, juntaram esses metais numa liga a que deram o nome de elétron. Com o elétron fizeram pequenos discos com figuras gravadas para os utilizarem como moeda de troca.



Moeda da Lídia [Classical Numismatic Group, Inc (CC BY-NC-SA)]¹

No século seguinte, os Lídios abandonaram o elétron e as moedas passaram a ser de prata e de ouro.

¹ <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1793/a-invencao-da-cunhagem-de-moedas-na-antiga-lidia/#:~:text=A%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20da%20Cunhagem%20de%20Moedas%20na%20Antiga%20L%C3%ADdia.>

Na mesma época, a China já fabricava pedaços de bronze, com vários formatos para as utilizar no comércio. Na Grécia, Atenas, Coríntia e outras cidades gregas decidiram fazer as suas próprias moedas de prata e de ouro.

AS MOEDAS DA GRÉCIA ANTIGA

A moeda grega mais antiga que se conhece é o *dracma*, mas a que teve mais êxito na Grécia Antiga foi o *tetradracma* fabricada em Atenas, com prata extraída de minas que existiam a sul da cidade.



Tetradracma de Atenas²

² Wikipédia <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tetradracma>

O *tectradracma* veio a ser adotada em várias outras cidades gregas e era aceite por povos com quem os gregos comerciavam.

É de supor que desde o início tenha havido reações diversas à existência do dinheiro. A alguns terá despertado o desejo de ganhar muito e gastar de imediato. A outros, porém, terá ocorrido gastar apenas o indispensável, a fim de amealhar pequenas ou grandes quantias para maior segurança no futuro.

Há notícias que evidenciam atitudes diferentes perante os metais valiosos. Uma das notícias mais antigas refere a descoberta de uma grande mina de prata em Laurion, a 60 km de Atenas. Depois dessa descoberta, os cidadãos reuniram-se para discutir que destino dar àquela riqueza. Muitos foram de opinião de que devia dividir-se pelos cidadãos, mas Temístocles, político ateniense, propôs que a prata fosse investida para beneficiar toda comunidade e conseguiu aplicá-la na construção de muralhas para defender a cidade e na criação de uma frota de navios capaz de resistir aos ataques dos inimigos.

Desde sempre houve quem pensasse sobretudo nas necessidades individuais e quem desse preferência ao bem comum.

AS MOEDAS ROMANAS

Os romanos, num primeiro período adotaram as moedas gregas. Por volta do ano 210 a.C. criaram as suas próprias moedas, o *as* em bronze, o *denarius* em prata, que valia dez *as*, e uma série de outras moedas com valores múltiplos e submúltiplos do *as*.

O *as* era, pois, a moeda de referência. As moedas romanas tinham o valor gravado no metal, como as moedas de hoje. Os imperadores mandaram cunhar moedas com as suas efígies (caras de perfil) para divulgarem a imagem em todo o império e assim afirmarem a sua autoridade.



Aureus do tempo do imperador
Adriano (117-138 d.C.)



Denarius do tempo do imperador
Marco Aurélio (161-180 d.C.)

MOEDAS ROMANAS

METAL	NOME DA MOEDA	VALOR
Ouro	Aureus	100 As
Prata	Denarius ³	10 As
Prata	Quinarius	5 As
Prata	Sestertius	2,5 As
Bronze	As	1 As
Bronze	Semis	1/2 As
Bronze	Triens	1/3 As
Bronze	Quadrans	1/4 As
Bronze	Sextans	1/6 As
Bronze	Uncia	1/12 As

Os romanos estabeleceram, portanto, um sistema monetário com uma moeda de referência. Este sistema acabaria por ser adotado no mundo inteiro e ainda hoje vigora. Na União Europeia, por exemplo, a moeda de referência é o euro.

³ A palavra latina *denarius* deu origem à palavra portuguesa dinheiro.

A QUEBRA DA MOEDA E A INFLAÇÃO

A partir da época do imperador Nero, século I d.C. os romanos começaram a fabricar moedas de prata, onde inscreviam o mesmo valor das anteriores, mas na verdade faziam-nas com menos quantidade de prata. A esse estratagemma chama-se quebra de moeda. Para o imperador, era uma forma de pagar mais despesas gastando menos metal. Para os cidadãos era péssimo, pois os comerciantes apercebiam-se de que o dinheiro valia menos, e aumentavam os preços. E, assim, a quebra da moeda provocava inflação.

AS MOEDAS NA IDADE MÉDIA

A queda do império romano teve como consequência a fragmentação do território. Surgiram então vários reinos e vários condados, governados por grandes senhores, reis, condes ou bispos, que se envolviam constantemente em lutas com os vizinhos. A situação política e militar alterou-se profundamente e a maneira de viver também. Para proteger as populações, construíram-se castelos, a circulação das pessoas diminuiu e as trocas comerciais reduziam-se drasticamente. No entanto continuaram a cunhar-se moedas que os reis, os condes e os bispos mandavam cunhar a seu gosto.

Essas moedas circulavam, mas como o comércio diminuiu, e em muitos lugares se voltou a praticar a troca direta, as moedas passaram a ser encaradas como um precioso tesouro que se devia guardar a sete chaves. Possuir moedas de ouro e prata era sinónimo de riqueza, prestígio e poder.



Moeda italiana do século XIII⁴



Moeda inglesa do século XIV⁵

⁴ https://www.etsy.com/de-en/listing/1847198041/1200-1350-ad-medieval-italy-crusader?ls=r&external=1&rec_type=ss&ref=landingpage_similar_listing_top-2&sts=1&content_source=a2aafb87a0bcc047803291eba6364715%253ALT1bc0

⁵ https://en.wikipedia.org/wiki/Noble_%28English_coin%29

O REANIMAR DO COMÉRCIO E OS PRIMEIROS SEGUROS

Nos séculos XII/XIII, desenvolveu-se de novo o comércio, não só dentro de cada reino como também entre reinos próximos e até distantes. Os mercadores tinham de se deslocar e, além dos produtos para vender, levavam consigo bolsas recheadas de moedas, o que representava um risco tremendo, pois podiam ser assaltados nos caminhos terrestres, ou perder tudo devido a tempestades e naufrágios quando viajavam em navios.

Para proteger os mercadores, foram tomados vários tipos de iniciativas.

As confrarias

As confrarias eram associações de entreajuda. Quem quisesse beneficiar de proteção e apoio aderiria, pagando uma quota para, em caso de perda de bens, receber algum auxílio que contribuísse para cobrir os prejuízos.

A bolsa de mercadores

No século XIII um grupo de proprietários de navios que vivia no Porto e se dedicava ao comércio com países do Norte da Europa, criou a *Bolsa de Mercadores*, para ter apoio

em caso de incêndio, naufrágio, ataque de piratas e rapto de pessoas. Entregavam todos uma determinada quantia por viagem. Se houvesse azar, a *Bolsa* cobria parte do prejuízo.

É interessante saber que Portugal foi um dos países pioneiros na aprovação de medidas destinadas a enfrentar possíveis riscos porque no dia 10 de maio de 1293 o rei D. Dinis confirmou a *Bolsa de Mercadores*, com a *Carta Régia de Mercadores* que tornou a contribuição obrigatória.

Este tipo de iniciativas correspondem, afinal, a uma primeira espécie de seguro.

Em 1380 o rei D. Fernando criou a *Companhia das Naus*, destinada a navios que tivessem capacidade para transportar mais de 50 tonéis. Os proprietários desses navios eram obrigados a entregar uma parte do lucro obtido em cada viagem para constituir um fundo de reserva destinado a substituir navios que naufragassem, para pagar as reparações necessárias e a perda de mercadorias.

Em Itália, pela mesma época nas cidades que mais se dedicavam ao comércio marítimo – Veneza, Pisa, Génova, Florença – começaram a fazer-se também contratos escritos, ou seja, apólices de seguros para cobrir possíveis prejuízos sofridos pelos proprietários de navios mercantes.

A mais antiga apólice data de 1343 e é um seguro marítimo feito em Pisa para cobrir possíveis perdas de dez fardos de lã enviados para a Sicília a bordo da galera *Santa Catalina*.

As pessoas depressa perceberam que valia muito a pena fazer contratos de seguro e passou a ser prática comum até aos nossos dias.

Em Portugal, a primeira apólice de seguro foi assinada em 1399 para proteger a barca de Fernando Sanches que viajaria entre Lisboa e Florença carregada de couros.

No tempo dos Descobrimentos, em pleno século XVI já existia em Lisboa, perto do Terreiro do Paço, uma organização chamada *Casa dos Seguros*. Infelizmente, essa casa e todos os documentos que ali se guardavam e que teriam sido uma preciosa fonte de informação sobre viagens e negócios da época, desapareceram com o terramoto de 1755.

O PRIMEIRO TRATADO SOBRE SEGUROS

O primeiro tratado sobre seguro marítimo foi escrito no ano 1552 pelo português Pedro de Santarém, que se encontrava em Itália como representante do rei D. Manuel I. O tratado, redigido em latim com o título *Tractatus de Assecurationibus et Sponsionibus Mercatorum*, que significa Tratado de Seguros e das Responsabilidades dos Mercadores, teve



sucesso imediato. A primeira edição esgotou rapidamente, outras se seguiram e o texto foi traduzido para várias línguas.

É de sublinhar que a definição de seguro elaborada por Pedro de Santarém resistiu ao tempo e continua atual.

O Seguro é uma convenção pela qual alguém, convencionado o preço de risco, toma sobre si o infortúnio do outro.



Frontispício do *Tractatus de Assecurationibus et Sponsionibus Mercatorum*

Durante muito tempo só se faziam os seguros marítimos e para uma única viagem, mas a pouco e pouco foram surgindo contratos de seguros com outras finalidades: seguros de vida, de saúde, de parto, de situações que pudessem envolver risco de rapto ou sequestro. Cada tipo com regras específicas destinadas a tornar o contrato mais claro e vantajoso para os envolvidos.

A importância dos seguros foi sendo cada vez mais reconhecida ao longo dos séculos.

Em 2026 a Assembleia da República instituiu o 10 de maio como Dia Nacional do Seguro, para comemorar a Carta atribuída por D. Dinis e para destacar a relevância do setor segurador em Portugal.

ORGANIZAÇÕES DE SOLIDARIEDADE – AS MISERICÓRDIAS

Em Portugal a rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II, em 1498 fundou uma organização de solidariedade com uma finalidade idêntica à dos seguros: Socorrer quem precisasse de ajuda. A organização recebeu o nome de Misericórdia. A primeira teve sede em Lisboa, mas depressa surgiram outras por todo o país e em outros países onde se instalavam portugueses. As verbas com que as Misericórdias apoiavam as pessoas necessitadas eram obtidas através de peditórios e donativos, receitas obtidas em festas e romarias ou testamentos de pessoas que lhes deixavam os seus bens. Atualmente as Misericórdias recebem também participações do Estado.

OS PRIMÓRDIOS DO SEGURO MODERNO

Um dos acontecimentos decisivos para a criação do Seguro moderno foi um terrível incêndio que a 2 de setembro de 1666 quase destruiu por completo a cidade de Londres. A reconstrução foi pensada com cuidado para evitar que a tragédia se repetisse e houve um médico, chamado Nicholar Barbon, que se apercebeu da necessidade de fazer seguros contra risco de incêndio. E como depois daquela

catástrofe as pessoas estavam interessadas, concebeu as primeiras apólices e começou a fazer contratos com os proprietários. Pouco depois outras pessoas fizeram o mesmo e, como toda a gente percebia a utilidade do seguro, não tiveram dificuldade em arranjar clientes.

A primeira organização totalmente dedicada ao seguro foi fundada nos finais do século XVII por Edward Lloyd.

Foi também no século XVII que Edmund Halley, famoso cientista inglês, fez um estudo para calcular a esperança média de vida das populações. Os resultados vieram a ser muito úteis às companhias de seguros, que faziam seguros de vida porque passaram a poder fazer previsões e propor contratos que fossem convenientes para os clientes e para a própria seguradora.

AS PRIMEIRAS SEGURADORAS PORTUGUESAS

A primeira empresa de seguros a funcionar em Portugal estabeleceu-se em Lisboa no ano 1787 e era uma sucursal da companhia inglesa Phoenix Assurance Company de Londres. Pouco depois, em 1791, surgiu a primeira seguradora portuguesa, que se chamava Permanente de Seguros. Depois surgiram outras, em Lisboa e no Porto. Atualmente há dezenas de seguradoras a operar no país.

OS PRIMEIROS BANCOS

Na Idade Média, o facto de reis e senhores terem poder para cunhar moeda própria complicou bastante a vida dos mercadores que viajavam para fora do lugar onde viviam porque os estrangeiros podiam não conhecer as moedas que eles transportavam consigo e não as aceitarem como pagamento. Surgiu assim a necessidade de fazer câmbios, ou seja, de trocar moedas de um país pelas moedas de outro país, o que implicava definir equivalências e fazer acertos. Essa necessidade, originou uma nova profissão, a dos cambistas.

A maior parte dos cambistas era também prestamista porque emprestava dinheiro, mas cobrando juros. O que significa emprestar uma quantia e cobrar uma quantia maior, de acordo com a percentagem estabelecida.

É engraçado saber que era sobre bancos de madeira que os cambistas colocavam as balanças para pesarem as moedas e os livros onde registavam tudo o que se referia aos seus negócios. A atividade dos cambistas e prestamistas veio a dar origem aos bancos, que herdaram o nome dos bancos de madeira que lhes serviam de mesa.

Os primeiros bancos que se tornaram internacionais foram os das cidades italianas de Veneza, Génova, Florença.

Para facilitarem a vida aos mercadores que se deslocavam para o estrangeiro, abriram agências noutras cidades da Europa e estabeleceram acordos com outros bancos. E assim, se os clientes quisessem, podiam depositar uma quantia em moedas no banco e receber um documento – uma carta de câmbio – para poderem levantar essa quantia num banco de outra cidade ou de outro país. O que era muito prático e mais seguro, pois deixavam de ser obrigados a viajar com sacos de moedas, que lhes podiam ser roubados pelo caminho. Este serviço, no entanto, tinha um preço que os clientes pagavam. Com o tempo, os bancos foram ficando ricos e os banqueiros poderosos.

A partir do século XIII os próprios reis começaram a pedir dinheiro emprestado aos bancos para pagarem despesas do seu país que podiam resultar da construção de pontes, estradas, compra de armas, etc. À dívida de um Estado dá-se o nome de dívida pública.

Nos séculos XV e XVI, Portugal pediu empréstimos a bancos italianos para suportar boa parte das despesas com a conquista de praças do Norte de África e para custear as armadas dos Descobrimentos e da Carreira da Índia.

Muitos outros países também pediram empréstimos. Casos houve em que as coisas correram bem, casos houve

em que correram mal para os banqueiros. No século XVI, por exemplo, o rei Eduardo III de Inglaterra pediu grandes empréstimos a bancos de Florença, não pagou a dívida e levou-os à falência.

AS PRIMEIRAS NOTAS – O PAPEL-MOEDA

No ano 1661 o Banco de Estocolmo tomou uma iniciativa para facilitar o uso de dinheiro. Essa iniciativa consistiu no seguinte: quem tivesse moedas passava a poder depositá-las nos cofres do banco e, se o fizesse, recebia folhas de papel nas quais estava impresso o valor da quantia depositada. E assim surgiram as primeiras notas da História.



O primeiro papel-moeda emitido pelo Banco de Estocolmo em 1661⁶

⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/Paper_money

A ideia agradou a tanta gente que o dono do banco, entusiasmado com o sucesso, resolveu imprimir notas em quantidade superior às moedas que tinham sido depositadas nos cofres. Não contava ter problemas por pensar que seria pouco provável ir toda a gente levantar moedas no mesmo dia, mas foi descoberto, julgado e condenado.

A ideia das notas, no entanto, não morreu. Alguns anos depois, os bancos franceses e ingleses emitiram notas e muitos banqueiros de outros países seguiram o exemplo. Os governos autorizaram as emissões das notas, mas como não as controlavam houve banqueiros que fabricaram notas em tal excesso que provocaram inflação e crises.

No final do século XVIII houve uma alteração importante: as notas deixaram de corresponder a moedas depositadas em cofres e passaram a corresponder a uma determinada quantidade de ouro, que se tornou o padrão de referência.

No século XIX tornou-se evidente que o dinheiro em circulação devia ser bem controlado pelos Estados. Para isso, cada país criou um *Banco Central*, que concederia autorização para se emitirem moedas e notas. Os bancos privados continuaram em atividade, mas sem autorização para emitir notas e moedas.

A partir de então tudo mudou porque, se o próprio Estado se responsabilizava pelo valor das notas, deixou de ser necessário haver metal precioso em depósito. Cada nota passou a valer o que apresentasse inscrito.

Quanto às moedas, passaram a ser fabricadas com metais menos nobres e têm o valor que nelas estiver gravado.

HISTÓRIA DO DINHEIRO PORTUGUÊS

As primeiras moedas portuguesas

D. Afonso Henriques, depois de ter ficado a governar o condado portugalense, no ano 1128, intitulou-se a si próprio rei. Na verdade, o condado ainda fazia parte do reino de Leão e dependia do rei D. Afonso VII de Leão e Castela. Mas como tencionava lutar pela independência, procurou afirmar-se. Uma das medidas que tomou, por volta de 1139, foi mandar cunhar moedas. Às primeiras, feitas com uma liga de prata e cobre chamada bolhão, deu-se o nome de dinheiro. Estas moedas tinham gravada uma estrela de cinco pontas.

No ano 1143 Portugal tornou-se um país independente quando D. Afonso Henriques assinou o tratado de Zamora com o rei de Leão e Castela. Naquela época era muito



Dinheiro – moeda do reinado de D. Afonso Henriques

importante que a independência de um reino cristão fosse reconhecida pelo papa.

O papa Alexandre III reconheceu o título de rei a D. Afonso Henriques e aos herdeiros em 1179. Nesse mesmo ano, o nosso primeiro rei mandou cunhar moedas só de cobre, a que se deu o nome de mealha. E autorizou que os dinheiros pudessem ser cortados ao meio para facilitar os trocos.

No reinado seguinte, D. Sancho I mandou cunhar as primeiras moedas de ouro portuguesas, os morabitinos.



Morabitino de ouro – reinado de D. Sancho

Cada morabitino valia cento e oitenta dinheiros. Estas moedas tinham gravada a figura do rei a cavalo, conferiam prestígio a quem as possuía e só eram usadas para pagamento de grandes quantias.

No século XIII, o rei D. Dinis mandou cunhar moedas de prata, com a cruz dos cavaleiros templários gravada. A estas moedas deu-se o nome de tornês.



Tornês – reinado de D. Dinis

Dinheiros, moedas, morabitinos e tornês mantiveram-se em circulação durante muito tempo.

No reinado de D. Fernando, por volta de 1380, foi cunhada uma nova moeda de prata a que se deu o nome de real e que valia 120 dinheiros.

No reinado de D. João I surgiu o real branco e o real preto que valia um décimo do real branco.



Real – reinado de D. Fernando



Real – reinado de D. João I

Em 1433, no reinado de D. Duarte, o real branco passou a ser a unidade de referência do dinheiro português, e assim se manteve durante 500 anos.

No reinado de D. Manuel I cunharam-se também moedas de real em cobre e uma nova moeda, o tostão, em prata, que valia cem reais e uma outra, o português, em ouro, para comemorar as navegações, as conquistas e os descobrimentos portugueses.



Tostão – reinado de D. Manuel I



Português – reinado de D. Manuel I



Moeda de 5 réis – reinado de D. João IV

No período em que Portugal esteve unido à Espanha, entre 1580 e 1640, as moedas portuguesas continuaram a ser as mesmas.

Quando Portugal recuperou a independência em 1640 e D. João IV subiu ao trono, as pessoas, em vez de chamarem real ou reais às moedas, passaram a chamar-lhe réis.

As primeiras notas portuguesas

No reinado de D. Maria I o Banco de Lisboa foi autorizado a emitir apólices que as pessoas podiam adquirir e que funcionavam como uma espécie de empréstimo ao tesouro real. Estas apólices são consideradas o primeiro papel-moeda português.



Apólice do real erário de 10.000 réis– primeira forma de papel-moeda - emitida no reinado de D. Maria I⁷

⁷ *O Papel-Moeda em Portugal*, Mário Rui de Sousa e Silva, Edição do Banco de Portugal. Lisboa, 1985.

No ano 1821, reinado de D. João VI, o Banco de Lisboa emitiu as primeiras notas portuguesas com diferentes valores.



Primeira nota emitida pelo Banco de Lisboa em 1822
– reinado de D. João VI⁸

Essas notas eram impressas com métodos tão rudimentares que se tornava possível falsificá-las.

Em 1837, no reinado de D. Maria II, foi adotado o sistema decimal, ou seja, o valor das moedas passou a ser sempre múltiplo ou submúltiplo de dez.

Em 1845, no mesmo reinado, foi criado o Banco de Portugal, que assumiu o controlo de todas as moedas e de todas as notas portuguesas.

⁸ O Papel-Moeda em Portugal, Mário Rui de Sousa e Silva, Edição do Banco de Portugal. Lisboa, 1985.

Em 1848 o Banco de Portugal passou a emitir notas e, em 1891, passou a ser o único banco autorizado a emitir moedas e notas.

O dinheiro na Primeira República

Em 1910 a monarquia portuguesa foi deposta e implantou-se a Primeira República. No ano seguinte, o sistema monetário foi completamente alterado. O real e os réis, foram substituídos por uma nova moeda de referência, o escudo.



Moeda de 1 escudo – Primeira República

Um escudo em ouro equivalia a mil réis e criou-se um submúltiplo do escudo, o centavo.

Cunharam-se moedas de 10 escudos, 5 escudos, 2 escudos. E moedas de 10 centavos e 1 centavo. Aos 10 centavos dava-se o nome de tostão, em memória do tostão que tinha surgido no tempo de D. Manuel I, que continuou a circular até ao século XIX.

E imprimiram-se notas de 20, 50, 100, 500, 1000, 2000, 5000 e 10 000 escudos.

À quantia de mil escudos dava-se o nome de «um conto (de réis)» o que correspondia a um milhão de réis.

O escudo manteve-se em circulação até 2002, data em que Portugal aderiu à moeda única europeia, o euro.



O EURO, MOEDA ÚNICA DA UNIÃO EUROPEIA

A criação da União Europeia suscitou várias alterações nos países que a integravam, alterações pensadas para garantir estabilidade, para promover o desenvolvimento económico e a qualidade de vida. A liberdade de circulação, por exemplo, foi uma das medidas tomadas para facilitar a vida dos cidadãos. Uma outra medida de grande

importância foi a transição das moedas nacionais para uma moeda única, a que se deu o nome de euro.

Em 2026 fazem parte da União Europeia 27 países. De entre esses, 21 países aderiram à moeda única, o euro.

O Banco Central Europeu, que tem sede em Bruxelas, define que moedas e notas de euro podem ser emitidas. As notas são iguais em toda a área do euro. Mas as moedas não são. Uma das faces é comum em todos os países: tem o mapa da União Europeia sobre um fundo de 6 linhas paralelas onde se inscrevem as 12 estre-las da bandeira da União Europeia. Na outra face, cada país pode inscrever o que escolheu. Em Portugal as moedas são cunhadas pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda.



Faces das moedas de euro comum a todos os países



Faces das moedas de euro escolhidas por Portugal

As moedas de um e de dois euros cunhadas em Portugal exibem os castelos e os escudos da bandeira de Portugal e no centro ostentam o selo real de D. Afonso Henriques de 1144. Nas moedas portuguesas de 10, 20, ou 50 cêntimos o elemento central é o selo de D. Afonso Henriques de 1142. Nas moedas de 1, 2 e 5 cêntimos o elemento central é o primeiro selo usado por D. Afonso Henriques em 1134.

São os bancos centrais de cada país que produzem uma parte das notas. O Banco de Portugal, por exemplo, tem produzido notas de 5, 10 e 50 euros. As notas de valores superiores são produzidas noutros países.

Nas notas de 5, 10, 20, 50, 100 e 500 euros, os desenhos representam os estilos de arquitetura de sete épocas da História da Europa: greco/romana, românica, gótica, renascentista, barroca, contemporânea. De um dos lados os motivos

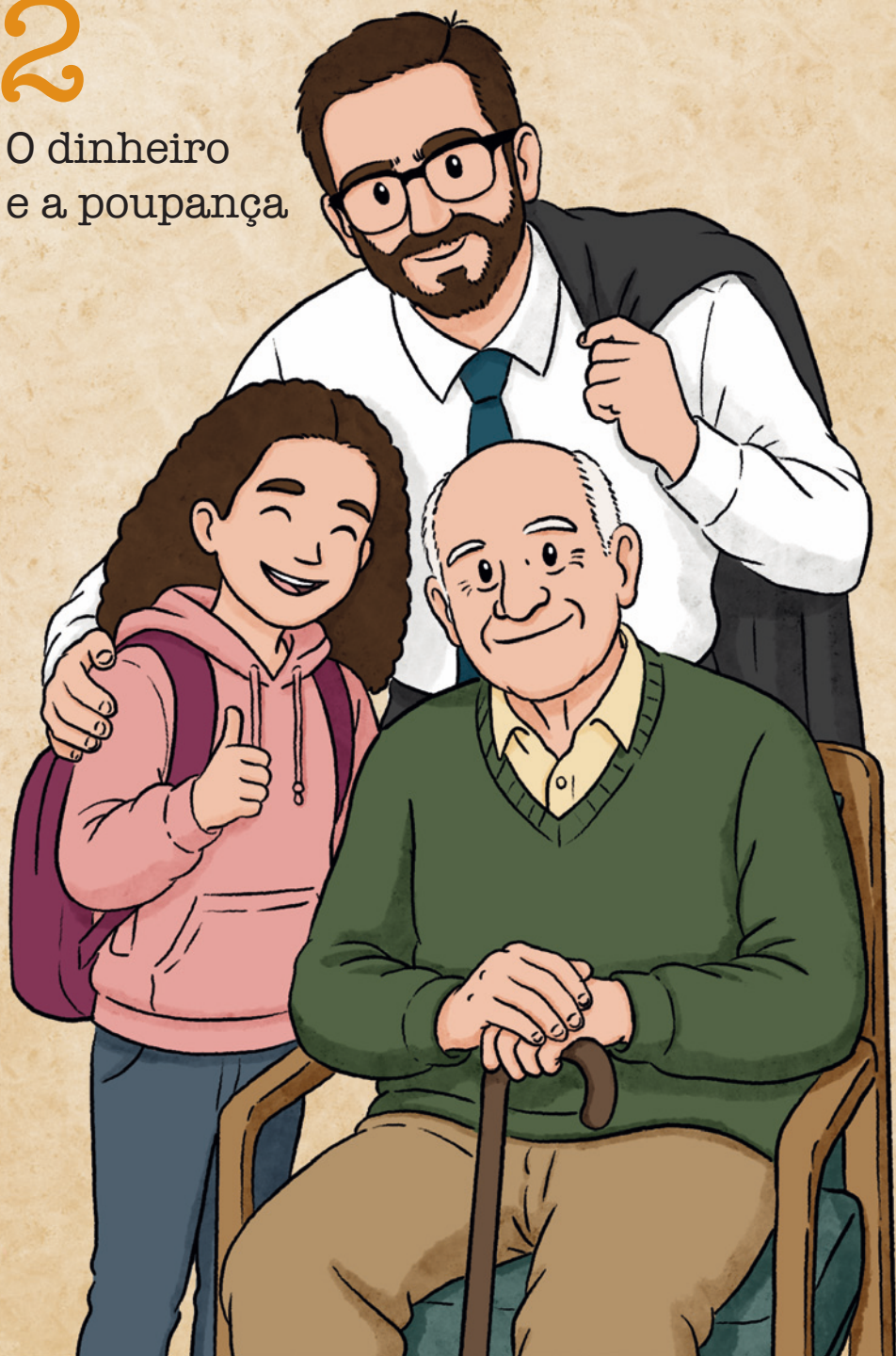
são janelas, portas e pontes, acompanhadas pelo mapa da Europa, a simbolizar a união dos povos europeus entre si e com o resto do mundo.

As 12 estrelas, símbolo da União Europeia, figuram nas duas faces das notas. E a palavra Euro aparece escrita nos três alfabetos oficiais da União Europeia: o alfabeto latino, o alfabeto grego e o alfabeto cirílico.



2

O dinheiro e a poupança



Em qualquer sociedade o trabalho dos adultos é indispensável para produzir riqueza, que pode ser direta ou indireta. Direta se resulta, por exemplo, de atividade agrícola ou industrial, indireta se resulta da prestação dos serviços necessários à vida em comunidade.

Naturalmente, cada adulto procura ganhar o suficiente para se sustentar a si próprio e à sua família. Mas todos, com o seu trabalho, seja ele qual for, têm de contribuir para o sustento e para o bem-estar da comunidade a que pertencem e da qual fazem parte crianças, doentes e idosos que não podem trabalhar. Fazem-no através do pagamento de impostos que os Estados recolhem e utilizam para custear despesas com a educação, a saúde, a construção de estradas, pontes, portos e aeroportos, caminhos de ferro, etc. E para custear também os apoios sociais, tais como o pagamento

das pensões a que tem direito quem trabalhou e atingiu a idade da reforma.

É importante saber que a melhoria das condições de vida, os avanços da ciência, dos cuidados de saúde e da educação têm permitido aumentar a longevidade e a esperança de vida⁹ em todo o mundo, o que é sem dúvida uma importante conquista da humanidade.

A ESPERANÇA DE VIDA E A LONGEVIDADE

Em Portugal a esperança de vida e a longevidade da população têm vindo sempre a aumentar. O quadro seguinte permite verificar a evolução ao longo de várias décadas.

ESPERANÇA DE VIDA (N.º DE ANOS)			
ANOS	POPULAÇÃO MUNDIAL	POPULAÇÃO EUROPEIA	POPULAÇÃO PORTUGUESA
1960	49,3	68,1	64,2
1970	56,1	70,0	67,1
1980	60,6	70,9	71,1
1990	74,0	72,9	74,1
2000	66,5	73,5	76,4
2010	70,1	76,5	79,6
2020	72,0	77,7	81,0
Fonte: Our World in data; UN WPP (2022); HMD (2023); Zijedman <i>et al.</i> (2015); Riley (2005)			

⁹ Por esperança de vida entende-se o número de anos que, em média, um grupo de indivíduos nascidos no mesmo ano irá viver.

ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA – POPULAÇÃO PORTUGUESA
TOTAL E POR GÉNERO (N.º DE ANOS)

ANOS	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1960	64,2	60,7	66,4
1970	67,1	64,0	70,3
1980	71,1	67,8	74,8
1990	74,1	70,6	77,5
2000	76,4	72,9	79,9
2010	79,6	76,5	82,4
2020	81,0	78,0	83,5
2021	81,0	78,1	83,5

Fonte: INE, PORDATA – 2023

O aumento progressivo da longevidade da população portuguesa é muito positivo. No entanto, quando se atinge uma idade avançada surgem com frequência problemas, tanto para a própria pessoa como para a família e para o Estado.

Para a própria pessoa porque fica mais vulnerável à doença e pode perder autonomia. Para a família porque, em certos casos, a pessoa fica a precisar de apoio ocasional ou permanente, o que exige a presença de cuidadores. Para o Estado porque tem de assegurar o funcionamento de todo o tipo de serviços de saúde (hospitais e unidades de saúde familiar, ou seja, os centros de saúde) e de instituições de

atendimento à terceira idade (lares, centros de dia ou de apoio domiciliário).

Estas questões exigem tempo e recursos financeiros de que muitas famílias não dispõem. O Estado tem investido na criação e manutenção dos muitos tipos de serviços adequados ao bem-estar da população, mas como o número de pessoas idosas é cada vez mais elevado, torna-se difícil garantir um atendimento de qualidade e atempado a todos os que necessitam.

Em Portugal a população está a envelhecer. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a partir de 1960 a população idosa tem vindo sempre aumentar e a população jovem tem vindo a diminuir.

GRUPOS ETÁRIOS (%)

ANOS	0-14 (população jovem)	15-64 (população em idade ativa)	65 OU MAIS (população idosa/reformada)
1960	29,1	62,9	8,0
1965	29,0	62,7	8,2
1970	28,7	61,8	9,4
1975	27,6	62,3	10,2
1980	25,8	62,9	11,3
1985	23,6	64,5	11,9
1990	20,4	66,2	13,4
1995	17,8	67,3	14,9
2000	16,4	67,4	16,2
2005	15,9	66,8	17,3
2010	15,2	66,3	18,5
2015	14,3	65,1	20,7
2020	13,3	63,7	23,0
2025	12,5	64,3	23,2

Fontes/Entidades: INE, PORDATA

O índice de envelhecimento, que compara a população dos 0 aos 14 anos (população jovem) com a população com 65 e mais anos (população idosa), permite verificar que entre 1960 e 2025 a população se foi alterando. Até ao ano 2000 o número de crianças era superior ao dos idosos, mas a partir desse ano a proporção inverteu-se e, em 2025, por cada 100 jovens (dos 0 aos 14 anos), contavam-se 188,8 pessoas com 65 anos ou mais.

ANOS	ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (%)
1960	27,3
1965	29,0
1970	34,0
1975	38,3
1980	44,9
1985	51,3
1990	68,1
1995	85,8
2000	100,6
2005	109,3
2010	123,9
2015	147,6
2020	175,6
2025	188,8
Fontes/Entidades: INE, PORDATA	

De acordo com previsões do INE, em 2080 o número de pessoas com idade superior a 65 anos poderá atingir 3 milhões e o índice de envelhecimento da população portuguesa poderá passar para 300 idosos para cada 100 jovens.

As pensões de reforma são pagas pelo Estado com o dinheiro dos impostos das pessoas que estão no ativo, ou seja, a trabalhar. Os países onde há cada vez mais idosos e cada vez menos adultos trabalhadores enfrentam um novo risco,

o de um dia deixar de haver dinheiro suficiente para pagar as pensões de reforma a que as pessoas têm direito. Para que o Estado possa continuar a pagar as pensões é indispensável que haja muitos adultos a trabalhar e a pagar impostos.

Portanto, num futuro relativamente próximo, os Estados poderão não dispor de verbas para pagar o que atualmente pagam e serem forçados a reduzir o valor das reformas, o que representará um tremendo prejuízo para as pessoas e para as famílias.

Convém saber que o valor das pensões de reforma é sempre inferior ao valor do salário que a pessoa recebia quando estava no ativo. Atualmente, em Portugal, as pensões que os trabalhadores recebem são, em média, 69,4% do último salário, mas estima-se que em 2050 possam ficar reduzidas a 38,5%¹⁰.

Torna-se, pois, indispensável que toda a gente passe a preocupar-se com esta questão e que ao longo da vida se esforce por poupar dinheiro, não só para os imprevistos que podem surgir em qualquer idade, mas também para constituir um complemento de pensão para quando chegar à idade da reforma.

¹⁰ Fonte: Estudo da EU – EC's Ageing Report – Portugal

O QUE É A POUPANÇA?

A definição de poupança não pode ser mais simples: é a quantidade de dinheiro que se evita gastar no presente para se poder usar no futuro.

Como é evidente, só podem poupar as pessoas a quem sobra dinheiro depois de terem pagado os bens e os serviços indispensáveis que lhes asseguram uma vida equilibrada. No entanto, há que distinguir o que é essencial do que é acessório, distinguir necessidades, de que não se pode prescindir, de desejos que, não sendo indispensáveis, se podem controlar ou hierarquizar.

Necessidades básicas são, por exemplo, alimentação, habitação, transportes, vestuário, saúde, educação, etc. Desejos são, por exemplo, roupas de marca, espetáculos, alimentos caros, viagens de alto preço, etc. Em tudo, na verdade, se pode poupar. Mas, em geral, só o faz quem quer estar preparado para o futuro e quem define objetivos para a utilização das suas poupanças.

POUPAR PARA QUÊ? OBJETIVOS DE POUPANÇA

Os objetivos que levam cada pessoa a poupar podem agrupar-se em três grandes domínios:

► **Precaver-se contra riscos mais ou menos inesperados, em todas as etapas da vida**

Há riscos que afetam a vida das pessoas ou os seus bens e exigem recursos extra para se poderem resolver, por exemplo, doenças, acidentes, tempestades, catástrofes, ou outras situações.

► **Criar condições para realizar sonhos**

Os sonhos podem ser muito variados, por exemplo, comprar carro, comprar casa ou fazer obras de restauro ou melhoramento, pagar o custo de estudos, fazer viagens, etc.

► **Dispor de um complemento financeiro para fazer face a riscos previsíveis**

Há riscos que todos sabem que irão ocorrer e devem precaver-se para os enfrentar. Por exemplo, despesas com estudos da própria pessoa ou dos filhos, ou problemas que surgem quando as pessoas chegam a idades mais avançadas em que os seus rendimentos geralmente diminuem e precisam de mais recursos para fazer face a doenças e aos vários tipos de apoios que se vão tornando indispensáveis.

POUPAR QUANDO?

O momento próprio para começar a fazer poupanças é já!

E pode poupar-se em todas as etapas da vida, desde a infância à idade adulta. Nas idades mais avançadas, em geral, torna-se difícil poupar porque as despesas das pessoas aumentam e os rendimentos que recebem diminuem.

Poupar na infância – o porquinho-mealheiro

Poupar é um bom hábito. E os bons hábitos devem adquirir-se na infância, o mais cedo possível. As crianças devem ser incentivadas a não gastarem tudo o que recebem. Tradicionalmente, a poupança infantil era depositada em mealheiros. Em muitas famílias os mealheiros eram e são porquinhos com uma ranhura, onde se guardam moedas com ou sem um propósito definido.



A história de um cofre em forma de porquinho é engraçada.

No século XV, em Inglaterra, fabricavam-se potes e jarros com um tipo de argila alaranjada chamada «*pygg*». Muitos desses potes eram usados para guardar dinheiro, na época só moedas. Como a palavra *pygg* tem o mesmo som de «*pig*», que significa porco, houve ceramistas que começaram a criar cofres em forma de porquinho, a moda pegou e espalhou-se por outros países.

Naturalmente podem guardar-se moedas em vários tipos de recipientes. Há até quem aconselhe as crianças a utilizarem potes transparentes para acompanharem a acumulação de moedas. E, com frequência, as pessoas referem-se a esses cofres improvisados ou até à gaveta onde guardam o dinheiro como o seu *porquinho-mealheiro*.

Na juventude, quando a pessoa ainda não trabalha e, portanto, não recebe salário convém adquirir ou manter um comportamento equilibrado em relação ao dinheiro, ou

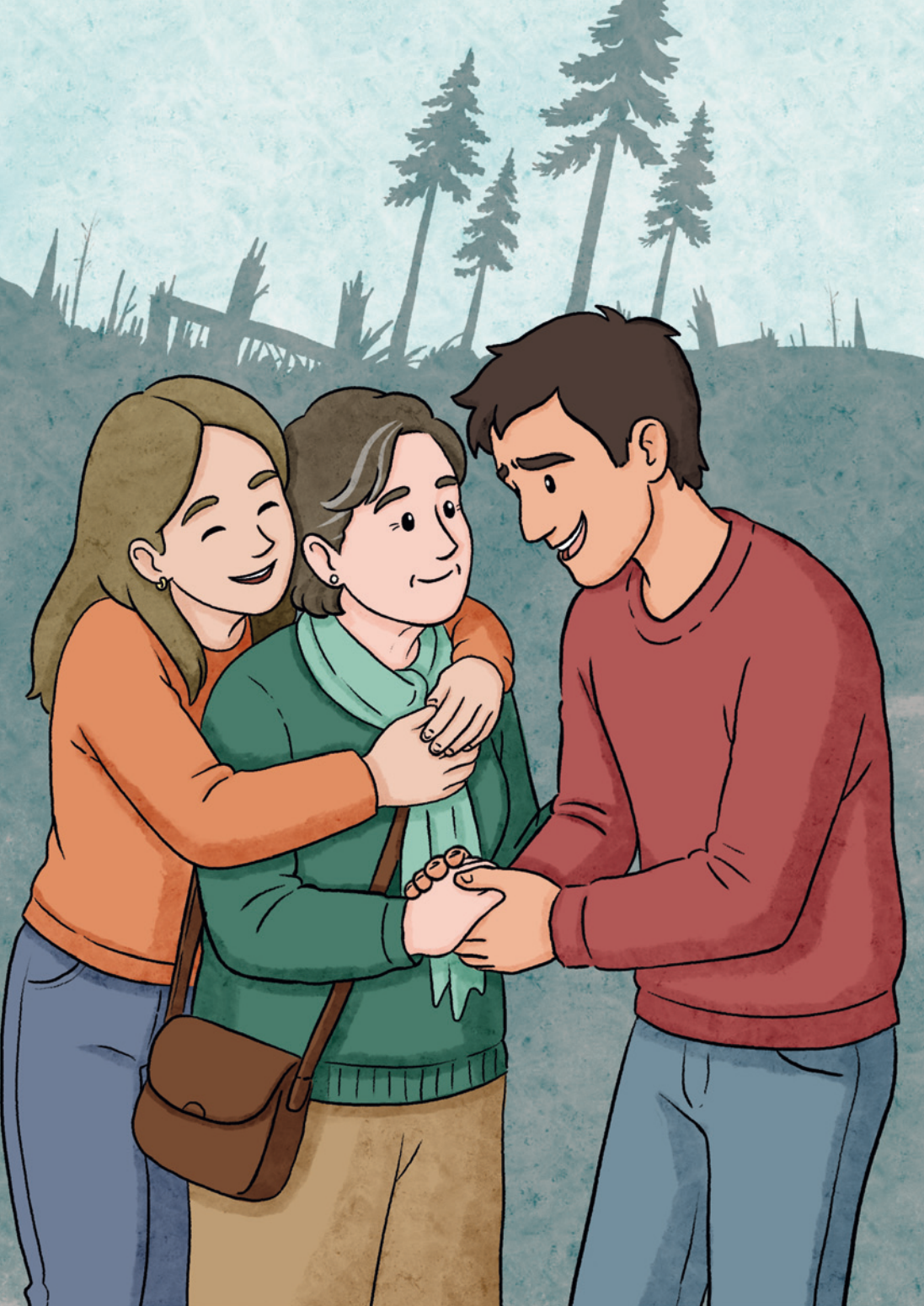
seja, não gastar por impulso tudo aquilo que recebe e ameaçar, sempre que possível, a pensar no futuro.

A idade adulta é por excelência a idade da poupança. Enquanto as pessoas exercem uma atividade profissional recebem salário como retribuição daquilo que produzem e podem pagar as despesas. Mas é importante que tenham consciência de que o que dispõem nessa etapa da vida se destina não só ao sustento da própria pessoa como ao sustento da família. E que os impostos que paga são indispensáveis para que o Estado possa garantir o bem-estar da população, o que inclui o pagamento das reformas às pessoas idosas.

É igualmente importante que se esforcem por não gastar tudo o que ganham e por fazerem poupanças, de modo a estarem preparadas para os muitos tipos de riscos que podem ter de enfrentar.

Os seguros são uma excelente maneira de se precaverem contra os riscos previsíveis de quem chega a uma idade avançada e em que geralmente se dispõe de menos recursos financeiros para resolver riscos imprevisíveis como, por exemplo, problemas de saúde, acidentes, perda de bens devido a incêndios, tempestades, etc., que podem surgir em qualquer etapa da vida.

Os seguros são afinal atos de poupança para acautelar diminuição de rendimento ou para fazer face a despesas que venham a surgir no futuro.



Kristin e a inestimável tia Luísa

A tempestade que varreu várias zonas do país na madrugada de 28 de janeiro de 2026 foi tão violenta que deixou atrás de si um rasto de destruição. Quem assistiu teve dificuldade em acreditar no que via. E não era para menos. Árvores centenárias arrancadas pela raiz, florestas completamente arrasadas, telhados a voar, muros e paredes a esboroarem-se, janelas estilhaçadas, estufas reduzidas a farrapos de plástico, casas em ruínas, enfim, um verdadeiro horror.

— *Kristin*! Cem anos que eu viva nunca esquecerei este nome maldito!

As notícias que iam sendo transmitidas pela rádio, televisão e internet sobressaltaram também quem se encontrava longe.

- Ventos de 150 Km por hora, chuva torrencial, inundações, deslizamento de terras.

As pessoas interrogavam-se:

- Teria morrido alguém?

Mais tarde veio a saber-se que vítimas mortais havia cinco. Mas eram aos milhares os que tinham ficado sem casa, sem máquinas agrícolas, sem carros, muitos dos quais comprados com recurso a empréstimos, ainda não totalmente pagos.

Cerca de 300 escolas ficaram em tal estado que deixaram de ter condições para acolher os alunos. E foram muitas as famílias que de repente se viram sem água, sem eletricidade, sem comunicações, sem teto. E até entre os que habitavam edifícios aparentemente capazes de resistir a qualquer intempérie, houve vítimas de derrocadas.

Quando o vento por fim amainou e a chuva abrandou, os proprietários apressaram-se a verificar os estragos. Quase todos desesperaram, pois só com obras demoradas e dispendiosas conseguiriam recuperar aquilo que poucas horas antes possuíam, aquilo que poucas horas antes consideravam bens sólidos e duradouros.

Zé Diogo fazia parte desse grupo. Especado diante da casa que ele e a mulher tinham mandado construir há pouco

tempo num terreno que a avó lhes deixara, perto de Leiria, chorou como poucas vezes chorara na vida. A mulher, igualmente desesperada, soluçava.

— E agora, e agora o que é que fazemos?

— Sei lá, Olga, sei lá.

O espetáculo que tinham pela frente era de facto desolador. A linda casinha, onde tencionavam criar os filhos que viessem a ter, ficara com a porta desengonçada, janelas caídas, sem caixilhos, telhado reduzido a traves de madeira, telhas partidas espalhadas ao acaso pelo jardim, enquadravam a imagem de uma completa ruína. Mas se as imagens do exterior confrangiam, o interior ainda estava pior, pois dir-se-ia ter sido espezinhado por uma manada de elefantes em fúria.

— Tudo destruído, tudo encharcado, ficámos sem nada.

Só agora se apercebiam da extensão da catástrofe porque, no auge da tempestade, se tinham refugiado na despenha. E afligiam-se.

— Para onde é que vamos viver?

— Sei lá!

— Aqui não podemos ficar.

— Pois não.

O ruído inequívoco do motor de um carro em andamento desviou-lhes a atenção para a estrada, bastante suja devido a um deslizamento de terra.

- Não é o carro da tia Luísa?
- É, sim.
- O que terá acontecido à casa dela?

Luísa, irmã mais velha da mãe de Zé Diogo, era uma mulher peculiar, que tinha o seu feitio. Talvez por isso ficara solteira. Como se mostrava sempre preocupada com gastos excessivos e nunca dava bons presentes de anos, nem de Natal, os sobrinhos tinham-na alcunhado de *forreta-mor do reino*. Mas todos a estimavam, porque era uma boa pessoa, uma boa amiga.

Estacionado o carro, a tia Luísa apeou-se e abriu-lhes os braços, com uma expressão carinhosa, pouco habitual.

- Então, filhos, então?
- Quase morremos de susto.
- Foi a noite mais pavorosa das nossas vidas.
- E o dia também. Porque, como vê, ficámos sem casa e não temos dinheiro para a reconstruir.
- Calma, calma! Pelo caminho ouvi na rádio que muita gente ficou sem casa. E também ouvi que o governo vai dar alguma ajuda para a reconstrução.

- Talvez dê, sim. Mas quando e quanto?
- Isso ainda não anunciaram. De qualquer forma, há o seguro. Mesmo que não pague a totalidade do prejuízo paga uma boa parte. Vocês têm de contactar a vossa seguradora imediatamente.

Eles cruzaram um olhar desconsolado antes de responderem.

- Só fizemos o seguro obrigatório, que é contra incêndios.
- Gastámos tanto dinheiro a construir a casa e a equipá-la com mobília e eletrodomésticos que não quisemos fazer mais despesas.
- Nunca nos passou pela cabeça que a nossa casa pudesse desaparecer assim da noite para o dia.

Luísa teve de travar a língua para não se pôr a ralar. Mas não ralhou porque naquele momento uma descompostura não servia para nada e agravava-lhes a tristeza.

- Bom, enquanto procuram uma solução, ficam comigo. Tragam o que quiserem e vamos para minha casa. Olga desfez-se em agradecimentos.
- Obrigada, tia, obrigada.

Zé Diogo também agradeceu, antes de perguntar se fora poupada pela tempestade.

- Em parte sim. O lado esquerdo da casa está intacto. Mas o lado direito não, porque aquele eucalipto enorme que o meu bisavô tinha plantado foi arrancado pela raiz e caiu-lhe em cima.
 - Então destruiu-lhe o telhado?
 - Parte do telhado e parte da parede.
 - Vai esperar pelos apoios do governo?
 - Não, porque tenho um seguro, um seguro muito bom que cobre vários tipos de riscos. Inclui proteção contra fenómenos da natureza. Tempestades, inundações, tremores de terra, está tudo incluído. Em boa hora tomei a decisão de fazer este seguro.
 - A tia é muito providente.
 - Pois sou, sempre fui. Sei muito bem que vocês os dois e vossos primos me chamam forreta-mor.
 - Ho, tia!
 - Não te preocupes que eu nunca me ralei com isso. Sou como sou e tenho direito de tratar da vida à minha maneira. Só gasto dinheiro no que considero importante. E como sempre me preocupei com a segurança apliquei muitas das minhas poupanças em seguros para poder dormir descansada.
- Sorria, franziu-se e acrescentou:

- Pelos vistos fiz bem. Já recorri várias vezes ao seguro do carro o que me evitou imensas despesas. Agora tenho quem me valha neste problema da casa. Aliás, da casa e do eucalipto. Removê-lo não deve ser nada barato.
- Pois não, tia.
- Bom, basta de conversa. Vocês precisam de comer e eu também. Tragam as vossas coisas de valor. Mais tarde voltamos para vir buscar o que for possível. Vamos embora, que quero ir fazer a participação à minha seguradora.

3

O s seguros e a poupança





Antigamente o dinheiro poupado guardava-se em casa, muito bem escondido, se possível num cofre. Na ausência de cofre, escondia-se nos sítios que se julgava oferecerem mais segurança contra roubos, que podiam ser gavetas com fundo falso, tábuas soltas no chão ou até nos colchões. Estes hábitos a pouco e pouco foram desaparecendo.

Hoje em dia quem tem dinheiro extra pode depositá-lo num banco, mas pode não se limitar a fazer um depósito. Para tomar decisões neste campo é importante conhecer as várias possibilidades de seguros e as aplicações financeiras que as seguradoras e os bancos propõem e podem corresponder aos objetivos de cada um.

QUE SEGUROS?

Se a pessoa pretende poupar para tomar precauções face a riscos que possam surgir no futuro, existem vários seguros pensados para esse efeito. Na verdade, todos os seguros são atos de poupança.

Os seguros são contratos em que a pessoa pode transferir para uma seguradora o risco de perda financeira resultante de situações imprevistas. O contrato implica o pagamento de uma determinada quantia acordada pela pessoa e pela seguradora e esta compromete-se a pagar eventuais prejuízos que possam vir a ocorrer.

Celebrar contratos de seguro é uma boa maneira de fazer poupanças, para acautelar despesas que possam surgir no futuro. E há vários tipos de seguro.

Os seguros de habitação

A maior parte (76%) da riqueza das famílias portuguesas concentra-se na propriedade da sua residência principal (54,3%) e de outros edifícios e terrenos (21,7%). Torna-se por isso muito importante proteger estes bens. Quem é proprietário de uma casa ou de qualquer outro tipo de edifícios deve protegê-los, pois são bens muito valiosos e que parecem indestrutíveis, mas na verdade são vulneráveis.



As seguradoras têm vários tipos de seguros à disposição dos proprietários de casas.

Os seguros multirriscos destinam-se a casas de habitação e outros edifícios e cobrem os prejuízos que podem resultar de incêndios, inundações, tempestades, roubos, etc.

Se o proprietário assim o entender, o seguro pode também incluir prejuízos resultantes de tremores de terra, tsunamis ou furacões, o que aumenta o preço do seguro, mas alarga o âmbito da proteção.

O seguro automóvel

Os proprietários de automóveis têm de ter seguro automóvel de responsabilidade civil, que é obrigatório. Este seguro cobre apenas os prejuízos que um condutor possa causar a outros veículos, a outras pessoas e aos passageiros que transporta, mas não cobre danos no próprio carro.

Quem quiser maior proteção, pode fazer outro seguro que se chama de *danos próprios*. Em caso de acidente, este seguro cobre também os prejuízos do próprio veículo, pode incluir direito a um



carro de substituição enquanto o do segurado estiver na oficina. E ainda algumas indemnizações se o carro for roubado ou se ficar danificado devido a catástrofes naturais ou até de vandalismo. Pode ainda incluir assistência em viagem.

O seguro de acidentes pessoais

Existe também um seguro caso ocorram acidentes pessoais, que cobre despesas que possam surgir devido a vários tipos de acidentes, tanto no país onde se vive como no estrangeiro, e durante as 24 horas do dia.

O seguro de acidentes de trabalho

O seguro de acidentes de trabalho é uma proteção para todos os trabalhadores por conta de outrem e trabalhadores independentes. Este seguro é obrigatório, é da responsabilidade dos empregadores, e garante que, em caso de acidente durante o horário de trabalho ou no percurso de ida e volta para o emprego, o trabalhador receba assistência médica e compensações financeiras.

O seguro de saúde

Quem tem seguro de saúde, em caso de doença, pode recorrer a médicos, clínicas ou hospitais privados, pagando apenas uma parte da despesa porque a seguradora cobre a parte restante. As quantias dependem naturalmente do tipo de contrato que se assinou.

O seguro de saúde pode incluir consultas, exames diagnósticos, tratamentos, intervenções cirúrgicas, bem como diárias de internamento, tratamento hospitalar, fisioterapia, tratamentos dentários, despesas com o parto, consultas pelo telefone ou através de plataformas digitais.

Existem seguros de saúde para uma só pessoa ou para a família. Esses podem incluir mulher e marido, filhos, enteados e filhos adotados, enquanto forem menores. Podem incluir também os pais do tomador do seguro saúde. Tudo depende do contrato que se fizer.



Os seguros do ramo vida

Os seguros do ramo vida funcionam como produtos de proteção, poupança ou investimento. E há vários tipos:

Produto de proteção

É um tipo de seguro que garante, como cobertura principal, o risco de morte ou de sobrevivência (ou ambos) de uma ou várias pessoas seguras. Pode também incluir, como coberturas complementares, o risco de invalidez e de acidente.

No seguro de vida que cobre o risco de morte da pessoa segura (seguro em caso de morte), o segurador paga ao beneficiário o capital acordado, se a pessoa segura morrer durante o período de vigência do contrato. Este seguro é muito importante quando alguém quer deixar a família protegida, caso venha a morrer ou a sofrer algum acidente ou doença que cause uma situação de invalidez.

No seguro de vida que cobre o risco de sobrevivência da pessoa segura (seguro em caso de vida), o segurador paga ao beneficiário o capital acordado, se a pessoa segura se encontrar viva no final do contrato, ou uma prestação periódica (renda) enquanto a pessoa segura estiver viva durante a vigência do contrato.



Produto de poupança ou investimento

É um tipo de seguro que tem a característica particular de procurar gerar rendimentos sobre os valores entregues à seguradora. Os valores acumulados (entregas e rendimentos) são depois pagos:

- ▶ Ao beneficiário designado no contrato, em caso de morte da pessoa segura durante o prazo do contrato;
- ▶ À pessoa segura (ou a outro beneficiário designado no contrato), em caso de vida da pessoa segura no vencimento do prazo, ou seja, na data em que termina o contrato.

Existe uma grande variedade deste tipo de seguros e podem ser ajustados às preferências de cada um:

- ▶ Muitos destes seguros incluem uma taxa de rendimento garantida, ou seja, a pessoa sabe qual é a quantia exata que irá receber;

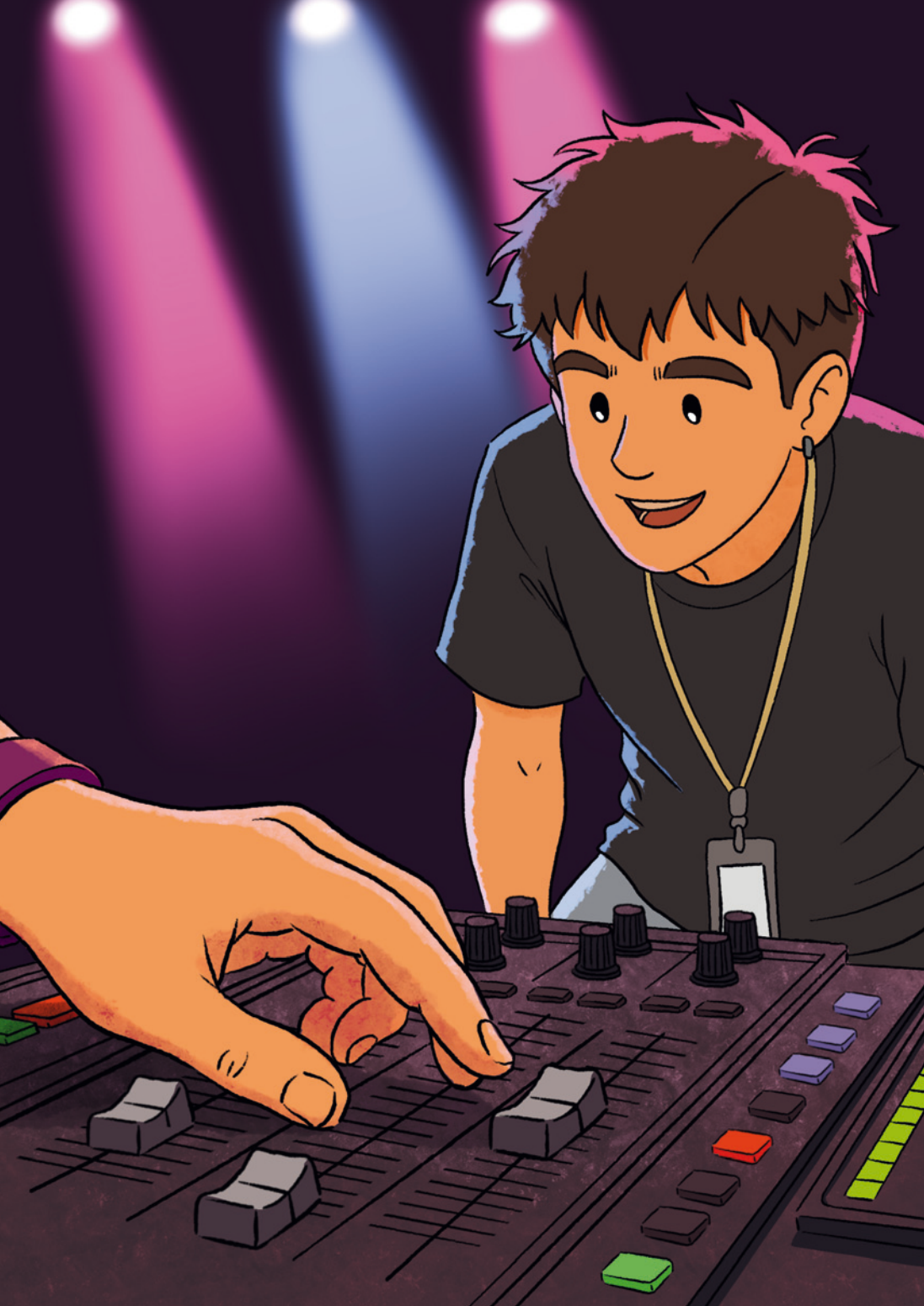
- ▶ Outros seguros têm rendimentos que dependem em parte dos resultados de uma carteira de investimentos a que estão ligados. Se os resultados da carteira aumentarem a pessoa recebe uma quantia mais elevada, se os resultados diminuïrem a quantia que a pessoa recebe é menor;
- ▶ Há também seguros totalmente ligados à evolução de uma determinada carteira de investimentos, ou seja, a pessoa assume todos os riscos e, se o resultado for bom, tem todos os benefícios.

Os Planos de Poupança Reforma

Os Planos de Poupança Reforma são vocacionados para a poupança de médio ou longo prazo e contribuem para complementar a reforma por velhice. Esta poupança pode ser feita através de pagamentos periódicos ou com uma entrega única de dinheiro. Se a pessoa morrer antes de atingir a idade da reforma a quantia acumulada é entregue aos beneficiários que a pessoa designou no contrato.

Os contratos de seguros do Ramo Vida podem ser feitos nas seguradoras, nos bancos, nos CTT ou recorrendo a mediadores de seguros.

Quem trabalha e fez descontos para a segurança social, quando atinge a idade de reforma tem direito a receber uma pensão. Mas se começar a aplicar dinheiro em Seguros de Capitalização, em Operações de Capitalização ou em Planos de Poupança Reforma tem toda a vantagem, pois irá receber uma determinada quantia que será um complemento de reforma e permitirá que, em idade avançada, tenha uma situação financeira mais equilibrada.



Uma boa surpresa

- Isto não pode ser, André. Desde que acabaste os exames nunca mais fizeste nada.

Ele encolheu os ombros e resmungou:

- Deve ser a milionésima vez que me dizes isso.
- E volto a dizer até perceberes que não podes ficar passado à espera nem sabes de quê. Se não queres tirar um curso, começa a procurar trabalho.
- Talvez queira tirar um curso, mas ainda não escolhi, não me posso inscrever.
- Arriscas-te a decidir quando for tarde demais. Há prazos para as candidaturas!
- E uma segunda fase em setembro. Se não me candidatar já trato do assunto nessa altura. Agora vou dar uma volta.

A mãe ficou em pé, no meio da sala, a vê-lo afastar-se através da janela. Desesperada porque não reconhecia o filho. André nunca dera problemas, nunca tinha chumbado, acabara o secundário com uma média que lhe permitia candidatar-se e ser aceite num dos vários cursos que funcionavam na cidade mais próxima da quintinha onde viviam. Havia camionetas com bons horários para poder circular e a várias horas. Que lhe teria passado pela cabeça para reagir de forma tão estranha?

— Até a viola ficou posta de parte, nunca mais lhe tocou!

Ocorrera-lhe que pudesse ter tido um desgosto de amor. Trocara impressões com o marido, que achou possível, mas aconselhou:

— Não lhe faça perguntas. Os rapazes não gostam desse tipo de conversa e fecham-se cada vez mais, temos de dar tempo ao tempo.

Ela concordara, mas a situação complicava-lhe com os nervos.

«Pode não ser caso de romance, mas algum problema tem», pensava e repensava. «Que hei de fazer?»

O mesmo pensava André que realmente tivera um desgosto, não só de amor como de amizade porque a rapariga de quem gostava era também a mulher dos sonhos do Eduardo, o seu melhor amigo. Durante algum tempo ela

hesitara entre os dois, mas depois dos exames decidira-se pelo Eduardo.

«Foi como se o mundo desabasse à minha volta», dizia de si para si, mergulhado em tristeza. «Nunca pensei que me afetasse tanto! Tenho de sair deste sufoco o mais depressa possível!»

Esforçar, esforçava-se, mas, na verdade, pasmava, sem interesse por coisa nenhuma. Por isso é que ainda não conseguira decidir que curso queria tirar. E sem resolver, não ia inscrever-se à-toa.

O pai tentara espicaçá-lo e, ao contrário do que era costume, tinha chegado a fazer um berreiro.

Nessa mesma tarde, a mãe telefonou ao Eduardo e perguntou-lhe se sabia o que se passava com o filho. Para seu grande espanto, o rapaz ficou atrapalhado, titubeou uma resposta vaga e, sem explicar nada de concreto, prometeu tratar do assunto.

— Não garanto nada, mas vou tentar ajudar.

O que lhe ocorrera como ajuda era simples e implicava um sacrifício: ele, Eduardo, tinha sido contratado para colaborar na montagem do palco para um concerto que se ia realizar no fim de semana. A tarefa entusiasmara-o e até ia ganhar algum dinheiro, mas paciência. Dir-lhes-ia que surgira um imprevisto e recomendava o André como substituto. Foi isso que fez.

— Mas por favor não lhe digam que a ideia foi minha, está bem?

Como a proposta foi aceite ficou contente, ou mesmo aliviado. Porque era realmente muito amigo do André, mas nestes assuntos do coração não há nada a fazer, quando a pessoa se apaixona e a paixão é retribuída, é frequente causar desgostos a terceiros.

O André recebeu, pois, o convite de que não estava à espera. Não se entusiasmou, mas passar três dias fora de casa era bom.

«Os meus pais não me largam, vão ser três dias de sossego!»

E então lá preparou a mochila e pôs-se a andar para grande alegria da mãe, a quem a pasmaceira do filho incomodava profundamente.

«Pode ser que ouvir música aos berros lhe faça bem!», pensou, mas não disse.

André viajou de camioneta até à cidade e dirigiu-se ao local que lhe tinham indicado para o encontro. Foi recebido por um grupo de malta simpática e atarefada e o coordenador deu-lhe logo indicações precisas sobre o que devia fazer.

— Para já, ajudas a transportar o material ali para o jardim. Depois, segue as instruções que te derem.

— O.K.

A montagem do palco não ofereceu grande dificuldade porque a equipa tinha prática e mexia-se bem. Entendeu-se com todos sem problema e o vai e vem, as ordens, a conversa, distraíram-no. No entanto, o peso que lhe esmagava o peito só aligeirou durante os ensaios que lhe proporcionaram uma experiência nova. Já assistira a vários concertos, mas sempre no meio do público. Ali, porém, estava do outro lado e isso permitiu-lhe fazer uma descoberta fantástica: a música que a banda oferecia aos espectadores não resultava apenas da atuação dos músicos, era alterada e enriquecida por um especialista de som, que manuseava uma mesa de som, ligada a muitos outros aparelhos que permitiam produzir efeitos sensacionais!

Nunca lhe ocorrera que fosse possível dominar, alterar, ampliar, criar sons a partir de sons. E aquela atividade parecia-lhe mágica.

Aproximara-se fascinado, fora bem acolhido, não saiu mais dali até terminarem os ensaios. Depois não resistiu e bombardeou o rapaz da mesa de som com mil perguntas. Quis saber tudo, incluindo «como é que se aprendia a fazer aquilo». A resposta teve o efeito de faísca.

— Tira-se um curso próprio. Eu tirei o curso de «Ciência e Tecnologias do Som» na Universidade. Para ser

bem-sucedido é indispensável ter algum talento, estudar e praticar.

André reagiu com tal entusiasmo que o rapaz entendeu por bem alertá-lo.

- Já percebi que te interessa. Mas há dois problemas. É preciso ter o décimo segundo ano...
- Eu tenho. Acabei de fazer os exames e com boas notas. Razoáveis.
- Então só resta um problema. Há sempre muitos candidatos, quem não consegue entrar no público tem de ir para o privado e pagar propinas, que não são nada baratas. Mas estes cursos têm muitas saídas profissionais, em geral não falta trabalho, tem-se oportunidade de viajar pelo país, às vezes pelo estrangeiro e não se ganha mal.

Aquelas informações, completadas pelo nome da Universidade que ele frequentara em Lisboa, invadiram-lhe o espírito com tanta força que o Eduardo e a Sílvia passaram a segundo plano. Obcecado com a ideia de que descobrira finalmente qual o curso que queria tirar, assistiu ao concerto a ouvir muito mais do que todos os outros espectadores por conseguir isolar e compreender as *nuances* dos sons. E adorou!

Quando voltou para casa, três dias depois, parecia outra pessoa. O desgosto não se desvanecera por completo,

mas atenuara-se bastante. Cansado, mas satisfeito e, sobretudo, com um projeto de vida. Abraçou a mãe e abraçou o pai antes de os chamar à sala para fazer uma declaração de intenções.

- Já escolhi o curso. Quero tirar «Ciências e Tecnologias do Som».

Os pais nem sabiam o que aquilo era, mas, radiantes com a mudança de atitude do filho, aceitaram prontamente a decisão.

- Há cursos do género em várias universidades e politécnicos, mas eu gostava era deste que se tira em Lisboa. Vou-me candidatar.
- Pelo sim, pelo não, candidata-te a vários.
- Com certeza. Mas eu gostava era deste. Já vi na internet que as propinas são caras e o alojamento em Lisboa não é barato. Mas posso trabalhar, se os pais me ajudarem, procuro um trabalho qualquer por muito maçador que seja. Fora de horas. Hei de arranjar.
- Estudante trabalhador – murmurou o pai. – Não é má ideia, mas a vida está caríssima dificilmente ganharias o suficiente para te aguentares. Além disso, preferia que te concentrasses no estudo e procurasses trabalho depois de acabares o curso.
- Eu também preferia. Mas se não puder ser, paciência.

- Espera aí – lembrou a mãe –, a tua madrinha nunca te deu presentes de anos porque preferiu fazer-te um seguro.
- Pois foi. Mas afinal que seguro era esse?
- O que ela na altura me disse foi que era um *seguro de capitalização*.
- Fico na mesma.

A imagem da dona Amélia invadiu-lhes de imediato as mentes. E ficaram em silêncio a recordá-la. Pequenina, magrinha, de expressão austera com rugas ao canto da boca, a sorrir-lhes, quando os visitava. A sorrir-lhes quando a visitavam no casarão onde vivia sozinha com uma empregada e dois gatos. Sempre pronta a dar conselhos que eles não podiam seguir por falta de verba.

«Devem levar o André para a praia todos os anos, pelo menos três semanas, caso contrário a mudança de ares não faz efeito.» «Os rapazes, a partir de certa idade, devem viajar para conhecerem o mundo. Um bom começo é Paris, que tem museus extraordinários.»

Nessas ocasiões, evitavam olhar uns para os outros e disfarçavam para não deixarem transparecer o que estavam a pensar. E que era «esta senhora julga que toda a gente vive como ela».

Enfim, a dona Amélia era uma boa pessoa. Realmente tinha dito que os presentes de anos que daria ao afilhado

seriam muito melhores do que brinquedos ou outras patéticas que não servem para nada.

Na altura ou não explicara bem a que se referia ou eles não tinham dado grande atenção.

André então, ainda pequeno, anos houvera em que ficara furo, pois tinha tido a esperança de que a madrinha lhe desse uma prenda de jeito, uma bicicleta. E quando ela lhe fez uma festa na cabeça e lhe chamou «beneficiário» pouco faltou para lhe responder torto. Nem ele nem os pais tinham voltado a pensar no dito seguro. Agora, porém, recordavam a conversa e interrogavam-se.

- D. Amélia teria cumprido o que prometera?
- Se cumpriu, pode ser que tenhas à tua espera uma boa maquia.
- Parece que chegou o momento de eu a visitar na qualidade de «beneficiário». Vamos amanhã a casa dela?
- Vamos, sim. E até lhe levo aquelas bolachinhas de manteiga que são a minha especialidade e de que ela tanto gosta.

No dia seguinte apresentaram-se os três no casarão, mas bastante atrapalhados sem saberem ao certo como pegar no assunto. Dona Amélia acolheu-os como sempre. Afável, risosinha, o riso a acentuar-lhe as rugas em volta da boca. Vestida

de cinzento, com o gato branco ao colo e o preto aos pés, não perdeu tempo.

- Chegou o momento, não é? Passaste nos exames e queres inscrever-te num curso, não é?
- É
- O que escolheste?
- Ciências e Tecnologias do Som.
- E o que é isso?

André lá lhe explicou como pôde, tendo o cuidado de não se esquecer de enumerar as saídas profissionais e a muita oferta de trabalho.

- Se tudo correr bem, até poderei finalmente ir a Paris ver os tais museus.
- E fazes bem, filho. Ninguém deve abandonar este mundo sem ter ido pelo menos uma vez ao Museu do Louvre!

A conversa prosseguiu. A mãe acabou por confessar que o problema era não terem possibilidade de lhe pagar o curso que ele queria.

Então, dona Amélia descansou-a com um sorriso prazenteiro.

- Vocês não têm dinheiro, mas ele tem porque lhe fiz um seguro de capitalização.
- Nós nunca percebemos bem o que isso era.

Ela olhou-os com condescendência amistosa

- Nem eu vos expliquei como deve ser, mas explico agora. O seguro de capitalização é um contrato que fiz com a seguradora. Paguei uma determinada quantia todos os anos, no dia do teu aniversário. Se te tivesse dado o dinheiro, ias logo comprar o que te apetecesse. Assim, dei-te na mesma, mas ficaste com uma poupança. Enfim, o dinheiro acumulado venceu juros e, pelas minha contas, deves poder receber cerca de oito mil euros. Suponho que te vai dar jeito.

Desta vez pouco faltou para que o André a abraçasse. Se não o fez foi porque nunca o tinha feito. Mas tanto ele como os pais se desfizeram em agradecimentos. E, sim, deu realmente muito jeito dispor de uma bela quantia para começar uma vida nova!

4

A poupança das famílias





Tanto os governos como as organizações internacionais têm publicado recomendações para que as famílias adotem hábitos de poupança para evitarem dificuldades súbitas e inesperadas.

A primeira recomendação é que se elabore um orçamento familiar que inclua os rendimentos e as despesas, em pormenor.

A segunda recomendação é que se destine uma parte do rendimento mensal à poupança e que se definam objetivos para a poupança, que podem ser de curto, médio ou longo prazos.

Várias instituições que se dedicam ao estudo e ao aconselhamento dos cidadãos sobre questões financeiras

apresentam sugestões para que as famílias evitem gastar mais dinheiro do que o necessário.

O ORÇAMENTO FAMILIAR

Fazer um orçamento familiar permite ficar a saber quanto é que a família ganha ao todo e quanto recebe de rendas ou lucros, se os tiver. É bom saber quanto é que a família ganha habitualmente e quanto lhe sobra, se houver sobras.

Quem dispõe de um orçamento familiar pode controlar melhor as despesas e tomar decisões acertadas para projetos que deseje realizar a curto prazo – por exemplo a compra de uma casa. A longo prazo, por exemplo a educação dos filhos que já teve ou vier a ter. Pode também amealhar para ter uma boa reforma quando atingir a idade de se reformar.

Como fazer o orçamento familiar

Para evitar problemas é indispensável que cada indivíduo, ou cada família, saiba qual é a sua situação financeira, ou seja, saiba com quanto pode contar para as despesas que tem de fazer ou quer fazer.

O primeiro passo para fazer um orçamento familiar é registar por escrito todos os rendimentos da família.

O segundo é registrar as despesas. O confronto entre o que se tem e o que se gasta ajuda a tomar consciência dos equilíbrios e desequilíbrios que caracterizam as finanças da família. Atualmente existem várias Apps que podem ser usadas para elaborar o orçamento familiar.

As receitas, em geral, obtêm-se com o trabalho. Na maioria das famílias são os salários dos adultos que asseguram o pagamento das despesas. As desigualdades são imensas, ainda assim convém que toda a gente tenha a noção de quanto ganha e de quanto pode gastar.



Parcelas do orçamento familiar

Convém planear o orçamento familiar, sem esquecer nenhuma parcela, ou seja, tendo o cuidado de identificar rendimentos e despesas em pormenor.

Os rendimentos das famílias

Os rendimentos podem ser fixos e variáveis ou só variáveis.

Rendimentos fixos – exemplos:

- Ordenado mensal
- Subsídios de férias e de Natal
- Pensão de reforma
- Rendas recebidas
- Pensão de alimentos – Quantias pagas pelo pai ou pela mãe para sustento dos filhos que vivem só com a mãe ou só com o pai.

Rendimentos variáveis – exemplos:

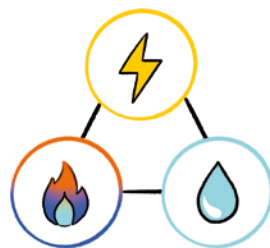
- Comissões de vendas – Os vendedores, em certos casos, recebem uma percentagem do valor das vendas que realizam.
- Prémios de desempenho (ou bónus) – Algumas empresas atribuem prémios em dinheiro aos funcionários que de alguma forma se distinguiram pelo seu trabalho.
- Abono de família – Prestação mensal em dinheiro, paga pelo Estado (Segurança Social), destinada

a ajudar as famílias a pagar as despesas de sustento e educação de crianças e jovens. O valor varia consoante o rendimento do agregado familiar, a idade e o número de filhos.

- Lucros – Os proprietários de empresas podem receber lucros conforme os resultados obtidos em cada ano.
- Rendimentos de poupanças e de investimentos – As pessoas que conseguem poupar dinheiro e investem em seguros ou em aplicações financeiras podem obter rendimentos.

As despesas das famílias – exemplos

- Despesas com a habitação:
 - Renda ou prestação e condomínio
 - Eletricidade
 - Gás
 - Água
 - Telefone, telemóvel, internet, televisão
 - Obras de manutenção da própria casa
 - Despesas de lavandaria
 - Empregados domésticos (salário e contribuições para a Segurança Social)



- Despesas com transportes
- Despesas pessoais e familiares
 - Alimentação
 - Vestuário e calçado
 - Livros, jornais e revistas
 - Cuidados pessoais



- Despesas com seguros
 - Seguros de Vida
 - Seguros de Saúde
 - Seguros de Habitação
 - Seguro de Acidentes de Trabalho de empregados domésticos
 - Seguros de Automóvel/Motociclo
 - Seguros de Acidentes Pessoais
 - Seguros de Responsabilidade Civil
 - Seguros de Viagem



- Despesas com espetáculos, entretenimento e desportos
- Despesas com viagens
- Despesas com a saúde
- Despesas com a educação
- Pagamento de impostos
 - Despesas com animais de companhia



A despesa média das famílias portuguesas

No ano 2022-2023, a despesa média mensal das famílias portuguesas concentrou-se predominantemente em três grandes categorias¹¹:

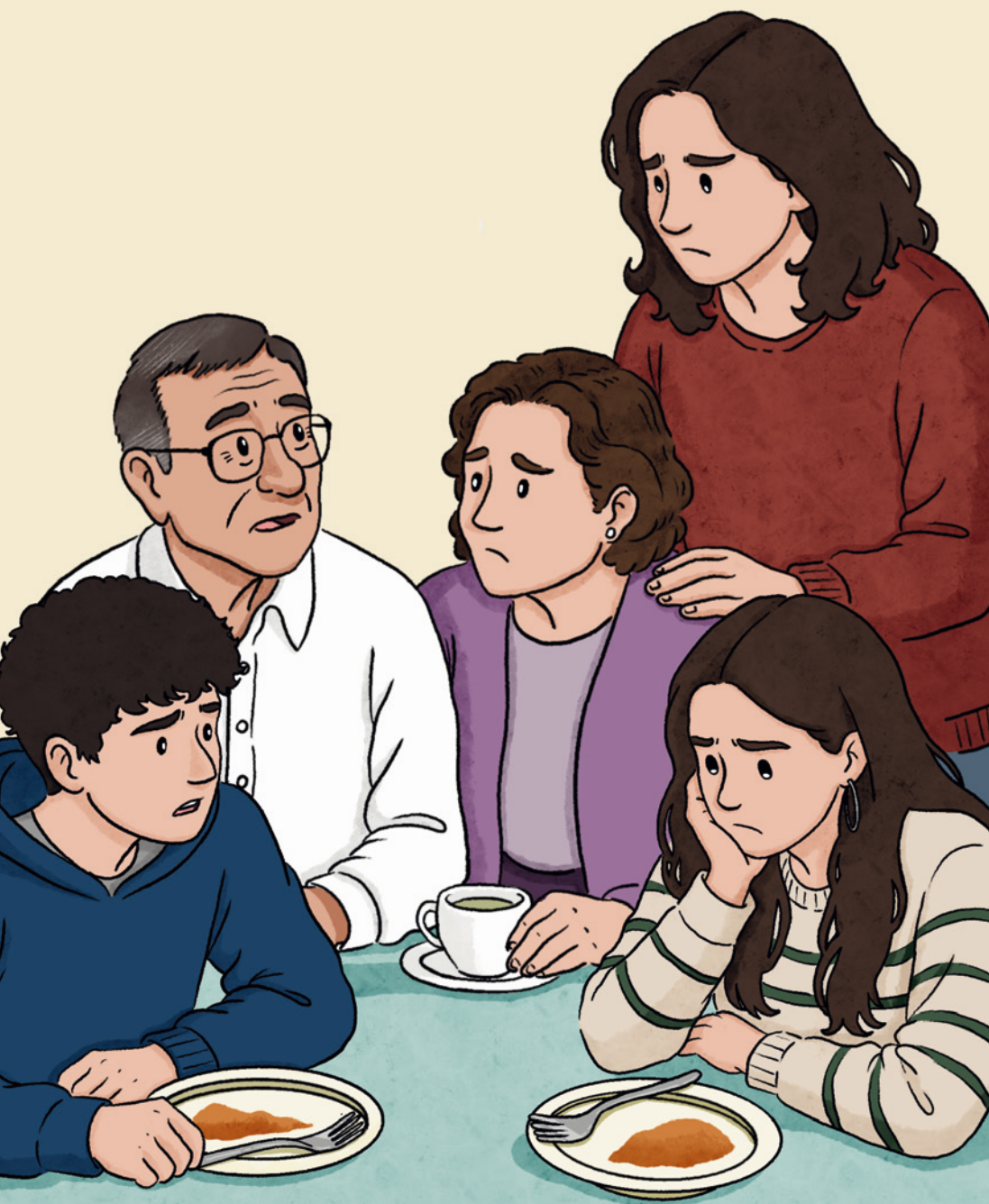
- ▶ Habitação, água, eletricidade e gás: cerca de 39,3%
- ▶ Produtos alimentares: cerca de 12,9%
- ▶ Transportes: cerca de 12,1%

A habitação, alimentação e transportes, em conjunto, representam quase $\frac{2}{3}$ (64%) da despesa média das famílias.

As outras despesas com peso nos orçamentos familiares distribuíram-se por: restaurantes e hotéis, cerca de 8,6%; saúde, cerca de 3,7%; comunicações, cerca de 3,1%.

As famílias com filhos dependentes têm uma despesa média mensal cerca de 811 € maior do que as famílias sem crianças.

¹¹ Dados publicados pelo INE.



Planos para férias

O jantar de domingo em família era habitualmente muito agradável porque se davam muito bem e porque gostavam de conversar. Naquele dia, com a presença dos avós que todos adoravam, prometia ser ótimo. Mas ao contrário do habitual o avô não abria a boca e os pais mostravam-se tensos.

- O que é que se passa? – perguntou a Carolina, inquieta. Respondeu-lhe a mãe e foi direta ao assunto:
- Tenho muita pena, mas este verão não podemos ir passar férias na praia.

Os filhos ficaram consternados e ainda olharam para o pai, mas perceberam de imediato que o assunto já fora discutido, pois ele encolheu os ombros como quem lamenta o

sucedido e não pode fazer nada. Rodrigo e Carolina consultaram-se à distância como era costume, depois puseram-se a fazer perguntas à vez, sem esperarem pelas respostas.

- O que é que aconteceu?
- Há algum problema que nos impeça de ir para fora?
- Alguma coisa que ainda não nos disseram?
- Não dissemos porque não tínhamos a certeza.
- De quê?
- De que o avô já não nos pode ajudar a pagar o aluguer da casa da dona Aurora e ela até nos fazia um preço de amiga.

O avô encarou-os, desolado.

- Como vocês sabem, reformei-me há seis meses. Mas talvez não saibam que na reforma se recebe bastante menos do que quando se está a trabalhar. No meu caso o corte é pesado e só dá para o dia a dia.
- Com sacrifícios... — acrescentou a avó. — Por isso é impossível continuar a ajudar-vos nas despesas extra.
- A culpa foi minha, trabalhei muito, fiz carreira, ganhei bastante bem, mas na verdade nunca me preocupei com esta etapa da vida. Fiz o que me apeteceu, o que a vossa avó sugeria, e fui dando-vos o que vocês pediam, sem pensar no futuro. Foi «chapa ganha, chapa gasta».

Agora vejo que fui imprudente, não tive o cuidado de poupar, de pôr de lado algum dinheiro para quando chegasse a esta idade.

A filha interrompeu-o.

- Oiça lá, pai, o seu colega de trabalho, o Romeu Abreu, não tinha um ordenado igual ao seu?
- Sim, sim. Porque é que te lembraste dele?
- Porque o encontrei ontem na rua e ele disse-me que ia com a mulher e com os filhos fazer um cruzeiro no Mediterrâneo. Esses cruzeiros são caros. A reforma dele é maior do que a sua?
- Não. É igual à minha, mas quando era mais novo fez um seguro, um Plano de Poupança Reforma. Todos os anos descontava um tanto para esse seguro. Lembro-me de que até barafustava na altura de pagar a despesa. Mas a verdade é que agora dispõe de uma maquia considerável e vive melhor do que nós.

Por momentos suspendeu a conversa, e o Rodrigo tomou balanço antes de perguntar.

- Porque é que o avô não fez um desses seguros? —

A resposta foi acompanhada de um suspiro:

- Sei lá. Quando era novo não pensava no futuro. A minha agente de seguros, que era bem simpática, por várias

vezes tentou convencer-me de que era bom fazer um desses Planos de Poupança Reforma. Não fiz e agora não posso voltar atrás.

Fez-se silêncio e cada um mergulhou nos seus pensamentos. Os pais cruzaram um olhar de entendimento porque também eles os dois tinham gastado sempre alegremente o que ganhavam, sem se preocuparem em amealhar algum dinheiro para a velhice, e ambos concluíram que teriam de acautelar o futuro. Quem pegou na palavra foi a avó.

- Isto custa muito, porque agora não conseguimos manter o nível de vida, nem continuar a ajudar a família que era o que mais alegria nos dava.
- Deixe lá isso, avó, ajudou-nos muito, só temos a agradecer. Não podemos é cruzar os braços e a minha proposta é simples: procurar uma casa mais barata. Que lhe parece, pai?
- Seria excelente, só que já andámos a investigar e até havia apartamentos disponíveis na zona, mas os preços subiram tanto, que este ano realmente não temos hipóteses – disse o pai.
- Com o que nós ganhamos, não dá.
- Então e noutras zonas, numa praia ao lado?

- Era bom, mas está tudo na mesma. Se vocês quiserem, podemos procurar em locais menos turísticos, e talvez se encontre qualquer coisa, mas bem longe da área a que estamos habituados.

A ideia de irem parar a uma praia onde não conhecessem ninguém desanimou-os.

- Se fosse só por um fim de semana, talvez, agora quinze dias não.
- Para isso, prefiro ficar em casa e sair com os amigos que estiverem por aí.
- E se não estiver cá ninguém?
- Morremos de tédio!

A sobremesa, que até era muito doce, soube-lhes mal e ambos se levantaram consternados. Nunca tinham tido oportunidade de passar o verão inteiro por fora, nem de fazer viagens como faziam vários colegas, mas aqueles quinze dias na praia que frequentavam desde pequenos eram a mais deliciosa das pausas. Areia, mar e, sobretudo, amigos, muitos amigos, alguns dos quais só encontravam naquela praia uma vez por ano, em férias, nas férias grandes, que bom, que maravilha!

Tinham saído da sala a arrastar os pés, foram enfiar-se no recanto onde se refugiavam desde sempre em caso de birra ou de segredo. Desta vez, no entanto, permaneceram

um bom bocado em silêncio, porque a sensação de perda os machucava.

- Nunca imaginei que isto pudesse acontecer.
- Nem eu. Na minha cabeça o dinheiro nunca faltaria e a ida para a praia era tão certa e segura como o Natal e a Páscoa.
- Na minha também. Realmente fazia parte do nosso calendário familiar! Não me conformo, mas não podemos fazer nada.
- Cruzamos os braços, é?
- Por agora parece-me que sim.
- Por agora?
- Claro, nada nos impede de pensar melhor, de procurar soluções.

Nos dias que se seguiram andaram cabisbaixos, mas a Carolina acabou por ter uma ideia que talvez ajudasse a resolver o assunto.

- Vamos perguntar quanto é que seria preciso para alugar uma casa mais pequena e até com menos condições do que aquela a que estávamos habituados.
- E onde é que vais arranjar o dinheiro para pagar a renda dessa casa mais pequena?
- Com poupanças.

- Hã?
- Podemos propor que se evitem despesas inúteis, não achas?
- Em que é que está a pensar?
- Em várias coisas. A eletricidade...
- Queres viver à luz da vela?
- Não. Quero desligar todos os candeeiros que não estiverem a ser necessários.
- Nesse caso, candeeiros e aparelhos.
- Claro. Já percebi que concordas, puxa lá pelo cérebro a ver se te lembras do máximo de coisas possíveis para ajudarem na poupança.

Duas pessoas a pensar em conjunto pensam melhor do que uma sozinha. A partir daquele dia uniram forças, chegaram a boas conclusões, e propuseram aos pais uma mudança de hábitos que lhes permitisse poupar dinheiro suficiente para alugar uma casa na «praia deles».

Os pais aderiram ao projeto e propuseram por sua vez que se elaborasse um orçamento familiar.

- Não é muito complicado?
- Não! Basta fazer uma lista do que ganhamos e do que gastamos para percebermos melhor as nossas finanças, para percebermos onde é possível economizar.

- E se o que pouparmos dá ou não dá para alugar uma casa no verão.

Todos de acordo, deitaram mãos à obra. O esquema era simples: no caso da família deles, os ganhos mantinham-se constantes, porque tanto o pai como a mãe tinham emprego, ordenado mensal e os subsídios de férias e de Natal. As despesas é que variavam.

- Só ficamos com uma noção clara dos gastos, se fizermos uma lista completa. Ora vão dizendo...

A mãe chegou-se à frente.

- Começo eu: renda da casa, água, luz, gás. E comida, as compras de supermercado.
- Que podem não ser só de comida.
- Pois não. Escreve aí também detergentes, sabonetes...
- Já escrevi. Vou acrescentar a prestação do carro e gastos com gasolina.
- Não te esqueças do seguro do carro, nem dos impostos que pagamos...
- E das despesas na farmácia.

O trabalho dos quatro deu origem a uma lista muito completa, que lhes permitiu tomar decisões.

Poupariam eletricidade utilizando lâmpadas led e desligando candeeiros e aparelhos elétricos quando não esti-

vessem a ser utilizados. Poupariam na conta da água, tomando duches rápidos e desligando a torneira enquanto lavavam os dentes. Quanto ao gás, a única hipótese era não manter o fogão aceso mais tempo do que o estritamente necessário.

Relativamente ao supermercado ficou assente que passariam a registar aquilo de que realmente precisavam e depois não se deixariam tentar, nem pelas promoções mais aliciante.

- E roupas? – perguntou a mãe a olhar para a filha, que adorava camisolas novas e sapatos novos.
- Sacrifico-me. Prefiro ir para a praia com roupas do ano passado do que ficar trancada em casa todo o verão.
- Se vocês estão realmente dispostos a fazer sacrifícios, temos de evitar idas a restaurantes.
- De acordo. Se formos, será poucas vezes e aos mais baratinhos.
- Cá por mim, se houver festanças com os meus amigos, vou ter com eles já jantado.
- Boa!
- Eu até talvez tente ganhar algum.
- Ainda não estás na idade de trabalhar, tens é de estudar.
- Mas posso fazer *babysitting*. Aqui no prédio há vários casais com crianças pequenas, conhecem-me, talvez

me contratem se quiserem sair. Vou pôr cartõezinhos a oferecer o serviço nas caixas de correio.

— Há um amigo meu que trabalha aos fins de semana como arrumador num cinema. Vou perguntar-lhe se eu também podia fazer o mesmo.

As decisões foram fáceis de tomar, mas exigiram disciplina e esforço para serem mantidas. Valeu a pena, porque em abril o pai pôde anunciar que tinham juntado o suficiente para pagar o sinal do aluguer de um apartamento de dois quartos e uma sala pequena com cozinha.

Num primeiro impulso, os filhos propuseram festejar indo ao restaurante, mas desistiram.

— Vamos depois, lá na praia, às esplanadas!

— Vai ser tão bom.

Nessa noite, antes de se irem deitar, Carolina ainda chamou o irmão e disse-lhe ao ouvido.

— Resolvemos o problema imediato, mas temos de resolver também o problema de fundo.

— Que problema?

— A poupança para a reforma dos nossos pais. Temos de os convencer a fazerem um seguro como o que fez o Romeu Abreu.

— Boa! E vamos continuar atentos às despesas da casa.

5

A poupança pessoal





PLANEAR E GERIR AS FINANÇAS PESSOAIS

Nos gastos pessoais, a poupança pode ser pontual ou regular. É pontual quando, por exemplo, se recebe um presente em dinheiro que se resolve guardar, ou quando se faz um trabalho extra e se resolve não gastar o que se ganhou. É regular, quando se guarda habitualmente uma parcela daquilo que se ganha.

Quem quer tornar-se capaz de poupar dinheiro para viver sem sobressaltos, tanto na juventude como na idade adulta e na velhice, deve começar a tomar medidas desde cedo e mantê-las ao longo da vida.

Dicas para ser bem-sucedido na poupança pessoal

- ▶ Assumir que é importante e conveniente saber gerir todo o dinheiro que se recebe.
- ▶ Definir objetivos alcançáveis para a sua poupança, como, por exemplo, uma viagem, comprar um computador, oferecer um presente romântico, adquirir uma peça cara com que se sonha, ou simplesmente guardar para satisfazer uma necessidade que ainda não se pode prever.
- ▶ Listar as receitas habituais: semanadas, mesadas, etc.
- ▶ Registar as receitas ocasionais como, por exemplo, presentes em dinheiro nos anos, Natal, Páscoa, etc.
- ▶ Registar pagamentos de tarefas ocasionais, como, por exemplo, ajudas domésticas, *babysitting*, ou outras atividades do género.
- ▶ Decidir guardar sempre uma percentagem do que se recebe, ainda que seja pouco. Por exemplo, entre 10% e 20%, se essa percentagem for apenas de 1 euro vale a pena guardá-lo, porque grão a grão enche a galinha o papo. Quem vai guardando, a certa altura tem uma quantia considerável. Para que esta medida de poupança resulte melhor, é desejável escolher bem o sítio onde guardar as moedas. Uma lata, um frasco de vidro, um pequeno cofre que se coloque a salvo de tentações e de curiosidades.

- ▶ Fazer um seguro ou operação de capitalização numa seguradora. Há seguradoras que aceitam fazer estes seguros para crianças e jovens, em que as entregas, ou seja, o pagamento do seguro é feito pelos pais ou avós.
- ▶ Não comprar seja o que for por impulso. Antes de qualquer compra pensar, será que eu preciso mesmo disto? Esta reflexão ajuda a eliminar alguns gastos desnecessários.
- ▶ Antes de comprar seja o que for, comparar preços em diferentes lojas ou na internet. Optar, sempre que possível, pela solução mais barata, mas tendo em conta a relação preço/qualidade.
- ▶ Resistir a tendências da moda que rapidamente se desatualizam.
- ▶ Não se deixar iludir pelos truques da publicidade e pelas promoções.
- ▶ Incentivar irmãos, pais e outros familiares a adotarem hábitos corretos, mas tendo o cuidado de não se tornar insistente e desagradável.
- ▶ Sugerir aos pais que reservem uma percentagem do que recebem e apliquem essa quantia num seguro de poupança para a reforma.



Jorge e a festa de anos

- Querem saber a melhor? O Jorge convidou-me para uma festa de anos.
- Também nos convidou a nós.
- Parece que vai imensa gente.
- Nunca pensei que fosse possível!

O espanto dos colegas tinha razão de ser porque o Jorge, que tão bem conheciam, não só nunca convidara ninguém para ir a casa dele como se mostrava constantemente preocupado com gastos supérfluos!

- E massacra a irmã a toda a hora. Basta ela aparecer de camisola nova para lhe fazer um discurso infernal.
- Gosto muito do Jorge, mas reconheço que tem manias.
- Às vezes é difícil aturá-lo.

Por um instante, ficaram calados a recordar cenas que a todos tinham surpreendido, depois evocaram algumas em voz alta.

- Lembram-se daquele dia em que fomos lanchar àquele café que reabriu há pouco tempo? Nós pedimos tostas com fartura, ele disse que não tinha fome, e depois tirou do bolso uma sanduíche que tinha levado de casa!
- Lembro-me muito bem e se querem que vos diga achei ridículo. Filho de engenheiro e de professora não precisa de fazer essas cenas.
- Se calhar até foram os pais que insistiram em dar-lhe uma festa.
- Se calhar. Aposto que os convenceu de que está na moda «serviço minimalista» e que é chiquíssimo servir só limonada e pão com manteiga!
- A tirada de Ema divertiu-os. Riram.
- Estou curiosa, estou curiosa...

Curiosos estavam todos e não só a respeito de comidas. Onde seria a festa? Que tipo de ambiente os esperava? E que tipo de música?

- Logo se vê, logo se vê.
- Logo, queres tu dizer, sábado à noite.
- Ema abanou a cabeça, negativamente.

- Isso para mim é muito tempo. Amanhã tenciono fazer-lhe imensas perguntas.
- Que perguntas?

Ela hesitou porque de facto não faria sentido submeter o amigo a um interrogatório cerrado por causa de um convite normalíssimo.

- Bom, começo por perguntar qual é a morada porque não sei onde vive. Depois, se se proporcionar, puxo-lhe pela língua.

Ema era uma das raparigas mais engraçadas e mais despachadas da turma. Como estava quase sempre bem-disposta tornava-se muito próxima dos amigos. Jorge, apesar das suas esquisitices, era um dos preferidos, não teria, pois, qualquer dificuldade em abordá-lo. E foi o que fez durante o intervalo do dia seguinte.

- Olha lá, afinal onde é a tua festa? Ainda não nos deste a morada.
- Já mandei para ti e para todos por mensagem.
- Ah, não vi!
- É perto, quem quiser pode ir a pé.

A resposta simples e concisa não abriu caminho a mais conversa e como ele ainda por cima precisava de dizer ao professor de Educação Física que não podia participar num

treino da semana seguinte, o assunto morreu ali. Só que Ema, demasiado impaciente para adiamentos, decidiu desafiar o Victor para irem ao fim da tarde ver o lugar onde ia ser a festa. Pela morada, dava para perceber que não era numa casa. Victor aceitou o desafio e lá foram os dois dar uma vista de olhos, e ficaram pasmados.

— Aqui?

A estranheza deveu-se ao facto de o sítio indicado ser um horto onde se criavam e vendiam plantas para jardins e para interiores!

— Deve haver um espaço livre lá dentro.

— Pois deve, anda daí.

— E entramos assim, sem mais nem menos?

— Porque não? Isto é uma loja de plantas, está aberta ao público.

Assumindo pose de clientes, deram uma volta por entre os canteiros e pelos corredores ladeados de vasos, espreitaram as estufas, acenaram amigavelmente aos rapazes que estavam a trabalhar e acabaram por descobrir que ao fundo havia um espaço bastante amplo com telhado e parede de vidro a dar para um relvado extenso e agradável. A um canto, mesas desmontáveis e cadeiras empilhadas completavam o cenário promissor.

- Já percebi. Vai ser uma espécie de «festa vegetal».
- Ou vegetariana. Só o Jorge é que se lembrava de organizar uma coisa deste género.
- Se calhar foi o sítio mais barato que encontrou.
- De certeza. Mas até tem graça.
- Dizemos aos outros?
- Não. É mais giro não saberem, é mais giro ser surpresa.

A surpresa afinal foi para todos porque além de se tratar de um horto – o que só a Ema e o Victor sabiam – o espaço envidraçado estava irreconhecível! Pista de dança ao meio, mesas e cadeiras dispostas em volta, com arte, *buffet* variado e apetitosíssimo, mesa de som pronta a funcionar de acordo com as ordens de um simpático DJ, e tudo, mas tudo em volta decorado com vasos de flores coloridas. Como a maioria dos convidados tinha chegado em grupo e o DJ sabia ajustar a música às reações dos presentes, a animação depressa explodiu. Conversas, dança, comezaina, fotografias, vídeos, enfim, horas e horas bem passadas entre amigos. Todos adoraram a festa, que acabou já de madrugada.

Na segunda-feira seguinte o Jorge viu-se rodeado de malta a fazer comentários simpáticos e brincalhões e a fazer perguntas atrevidas, com uma ponta de ironia.

- Foi lindo!

- Tenho a certeza de que até as plantas se sentiram felizes.
- Mas confessa lá, mudaste de personalidade porque estás um ano mais velho?

— Mudei de personalidade porquê?

- Porque a festa deve ter sido caríssima e tu não gostas quando se gasta dinheiro à-toa.

Ele encarou-os com uma expressão entre risonha e séria.

- Não mudei nada e continuo a achar que é um disparate gastar dinheiro à-toa. Os meus pais fizeram questão de me oferecer uma festa de anos porque completei um número redondo e acham que passei a uma nova etapa da vida.

— Acabaste por aceitar, mas muito contrariado?

- Contrariado, não. Gosto de receber a malta! No entanto, convenci-os de que nos podíamos organizar sem exageros.

Os outros olhavam-no desconfiados, pois aquilo a que tinham assistido não podia ter sido barato. Mas ele explicou-se.

- A primeira coisa que fiz foi contactar uma daquelas empresas de eventos para saber quanto custava uma festa de cinquenta pessoas. Fiquei pasmado porque realmente é um balúrdio. Alugar o espaço fica logo

caríssimo e as comidas, mesmo reduzidas ao mínimo, também. Depois é preciso incluir loiças, copos e talheres, o que também não é nada barato. Além disso, quando se contrata isso tudo, é obrigatório pagar a empregados para servir e controlar o serviço. E há ainda o custo do DJ, sempre uma boa maquia. Perguntei preços noutra empresa, mas ainda eram piores.

- Mas não desististe!
- E tiveste isso tudo.
- Pois tive, mas dei voltas à cabeça para arranjar uma solução e tive de trabalhar bastante para encontrar o sítio certo. Um sítio que fosse giro e em conta. Acabei por descobrir aquela estufa de horto onde já tinha havido uns almoços para pouca gente. Falei com o dono, fiquei a saber que está com falta de pessoal, propus dar-lhe uma ajuda aos sábados, durante um mês, e ele cedeu-me o espaço de graça.
- Que sorte!
- Sorte, não. Fartei-me de trabalhar!
- E o resto?
- O resto também não foi fácil. Convenci a família a colaborar e dividi tarefas. Como vocês viram, não havia nada para comer com garfo e faca, era tudo para comer

à mão, *finger food* feita pela minha mãe e pela minha madrinha, que adora preparar petiscos. Entre empanadas, chamuças e croquetes foram para aí quinhentos. Queijos comprámos numa feira e fui eu que os reduzi a fatias. Bebidas também comprámos. Bolos, pedi a uma tia que me adora.

- E o DJ?
- Como é amigo do meu irmão mais velho, fez-me um preço especial.
- Fantástico!
- Falta falar-lhes da decoração, que deu uma trabalhadeira a mim e às primas com quem me entendo melhor.
- Poupaste mesmo uma data de massa?
- Poupei. Vejam.

Retirou do bolso um papel muito bem dobrado e apresentou-o aos amigos.

- Estão aí os preços que as empresas pediam e as quantias que realmente gastámos.
- Eh! Valeu a pena.
- Sim. Deu um trabalhão a mim e a todos os que me ajudaram.
- Como nós. Porque nos divertimos tanto, que se pode dizer, sem mentir, ajudámos à festa.

6

A poupança nos provérbios portugueses

Os provérbios exprimem sempre princípios da sabedoria popular. Na língua portuguesa há vários que traduzem o valor atribuído à poupança e ao seguro ao longo dos séculos, por gerações sucessivas.

**Mais vale prevenir
do que remediar.**

No poupar é que está o ganho.



**O seguro
morreu de velho**

**Grão a grão também
se chega ao milhão.**



**“Quem poupa bem,
sempre tem.”**



"HOMEM PREVENIDO
VALE POR DOIS."



Grão a grão
enche a galinha o papo.

DO POUPAR VEM O TER.

QUEM PENSA NO FUTURO
FAZ SEMPRE UM SEGURO.

Quem poupa no pouca.
ganha no muito.

Guarda o que não precisas,
terás o que te falta.



"Casa roubada,
trancas à porta."

Este livro inclui várias histórias sobre problemas de dinheiro que frequentemente afetam a vida das pessoas.

Inclui também informações sobre riscos financeiros que ameaçam as sociedades contemporâneas, mas que podem ser evitados, ou atenuados, se forem previstos com antecedência e se houver hábitos de poupança. Disponibiliza ainda sugestões que ajudam a planejar e gerir bem as finanças pessoais ou familiares e a recorrer a vários tipos de seguros para poupar e acautelar despesas que possam surgir no futuro.

O título é claro: *Quem poupa para o futuro vive mais seguro!*

